



Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação – Campus Bauru

Flávia Ferreira Alves

Relatório sobre livro-reportagem
A vila do Morro
Fragmentos de uma jornada sustentável

Bauru
2012

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação – Campus Bauru

Flávia Ferreira Alves

Projeto Experimental apresentado à Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp,
como parte dos requisitos para obtenção do grau
de Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo.

Orientador:

Prof. Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

A vila do Morro
Fragmentos de uma jornada sustentável

Junho
2012

Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam.

O livro dos Itinerários

Em relação a outras pessoas, nós somos peregrinos que,
por caminhos mais diversos e com grande dificuldade,
nos dirigimos ao encontro mútuo.

Antoine de Saint-Exupéry

A vila do morro

Fragmentos de uma jornada sustentável

Parte 1: À procura de uma história

O hotel dos hippies

Previsão de chegada: 4 de setembro, domingo, início da tarde. Porém, um despertador, mal programado, fez com que minha ida fosse adiada para segunda-feira. Levei apenas o necessário, mas o mínimo torna-se muita coisa quando a viagem é um acampamento com duração de um mês, em um lugar completamente desconhecido. O site do Instituto Ipema dava algumas dicas do que levar para o lugar. Porém, a lista de itens foi subestimada – assim como tantas outras coisas que se subestima por aí. Tive a preocupação de comprar uma lanterna barata e uma capa de chuva – daquelas que as pessoas levam em concertos de rock –, um repelente de citronela (no site do Ipema, está escrito que é mais eficiente) e um maço de velas. Não entendo por que minha preocupação foi maior com a luz do que com outras possíveis dificuldades.

Na mala, coloquei uma calça jeans e dois shorts – os quais aposentei bem cedo, por conta dos mosquitos implacáveis – três camisetas e um vestido. Dois incensos, um isqueiro, duas barrinhas de cereal, uma toalha. Um tênis bem resistente e velho e um chinelo compunham o restante da bagagem. Para a tranquilidade do meu pai, trouxe uma faca de porte médio bem afiada.

Já sabia que todo o lixo que eu gerasse deveria retornar comigo, motivo pelo qual acrescentei à mala algumas sacolas plásticas de mercado. Estava um pouco nervosa com o que poderia acontecer. Minha única experiência em campo resumia-se ao contato com uma comunidade perto de Bauru, marcada pelo fracasso. Por isso, o receio de algo semelhante acontecer ali. Não sabia o que esperar. Seguindo o ditado “é errando que se aprende”, a viagem começou.

Segunda-feira ensolarada, às sete horas da manhã, peguei um ônibus de São Paulo sentido Ubatuba. No caminho, uma senhora se sentou ao meu lado e puxou conversa: "Tá de férias, menina"? Não estava. No entanto, como explicar para aquela mulher, em poucas palavras, “vou

para uma ecovila, escrever sobre seu modelo de vida”? Desisti. Preferi desviar a pergunta com uma resposta vaga: viajo de mudança para Ubatuba. Meu plano de dar fim rápido àquela conversa fracassou. Empolgada com a resposta, a passageira desembestou a falar sobre lugares onde há oportunidade de emprego. Educadamente, eu a ouvi. Tremia de medo só de pensar que essa situação poderia ser um presságio do que me esperava no Morro do Corcovado.

Cheguei à rodoviária de Ubatuba (Litorânea) por volta do meio-dia. Caminhei até o terminal de ônibus da cidade; lá, pegaria a condução que chega na rua Beira Rio, de acordo com as instruções recebidas de Bruna, secretária do Ipema. Porém, no terminal, ninguém nunca tinha ouvido falar da ecovila, muito menos de uma rua chamada Beira Rio. Pediram para eu aguardar em uma fila quase vazia. Esperava comigo um senhor negro e magro.

Perguntei a ele se conhecia o Morro do Corcovado, ao que ele respondeu que morava naquele bairro. A rua Beira Rio, contudo, ele não tinha a menor ideia de onde ficava. Suspeitou de um local porque existia um riacho e casas na beira do córrego – uma lógica correta, mas incomum para mim, que saía de São Paulo, uma cidade cheia de nomes desconectados de seus lugares.

Aos poucos, as pessoas se organizaram e fizeram companhia para nós. Havia muito mais gente do que espaço no ônibus. Para ajudar, eu e minhas coisas ocupávamos o lugar de três passageiros. Entrei usando o “milagre da multiplicação”, frase que ouviria muitas vezes naquela *Vivência* e que servia para as mais variadas situações em que Newton e suas leis diziam que não davam jeito.

Atravessei a catraca com barraca, lona, saco de dormir e massa corporal. Acomodada, fui falar com o senhor da fila e perguntei se poderia, por favor, avisar-me o momento correto de paragem. Uma menina cruzou a conversa e avisou que iria para o Ipema. Para meu alívio, era vizinha da ecovila que ninguém sabia onde ficava, e falou que desceria comigo.

Descobri algumas coisas sobre a Ecovila Corcovado, sede do Ipema, logo no ônibus. Na região, o Instituto de Permacultura da Mata Atlântica (Ipema) recebia mais fama de hotel de hippies do que de centro educacional de permacultores. O sujeito que não parece familiar aos outros moradores, sempre estava em busca de um lugar chamado Beira Rio.

Por acaso, antes de a ONG Ipema fundar sua sede naquela região, o terreno pertencia a um grupo de hippies. Sabendo o que foi aquele sítio, somado ao fato de fazerem, hoje, uma espécie de agricultura “natureba” no mesmo local, a fama de “hotel de bicho-grilo” eternizou-se na cabeça dos moradores do Morro do Corcovado. Por isso, chamei a atenção e consegui ser devidamente colocada no caminho.

O caminho até a ecovila veio descrito no e-mail dos participantes da *Vivência Intensiva* – atividade para a qual fui inscrita. Parecia simples: pare na rodoviária litorânea, pegue o ônibus sentido Morro do Corcovado, desça na praia Dura, vire à direita e depois à esquerda na bifurcação e, depois de cinco minutos de caminhada, é possível ver a placa do Ipema. Entretanto, para os apegados aos fatos, faço uma descrição mais real de onde fica aquele lugar.

Vindo de Ubatuba, deve-se ir em direção à Praia do Lázaro; logo depois, segue-se até Praia Dura; um quilômetro depois de atravessar o rio Escuro, existirá uma indicação para entrar no bairro Morro do Corcovado. A entrada é próxima ao mercado. O ponto de referência para os desorientados – colocado em forma de "observação" no site do Instituto, é a famosa Cachoeira da Bacia, patrimônio natural dos moradores do bairro e ponto turístico dos visitantes. Todos os moradores da região já visitaram a queda d'água, apesar de muitos não saberem da existência do Ipema.

O ônibus parou no começo de uma estrada de terra, ao que uma placa colorida e desbotada anunciava: "Ipema". Pedi, mais uma vez, as orientações da menina que desceu comigo e segui viagem. O celular perdeu o sinal e as casas pareciam ser todas de veraneio. Aos poucos, as habitações ficaram simples e espaçadas. Os pastos gradualmente cederam espaço para as árvores.

Atravessei um córrego de águas bem claras e avistei a entrada de pedra com uma placa, grande e suja, indicando "Ecovila Corcovado".

Mais alguns passos e eu notei que não estava sozinha. Um moço de olhos fundos, segurando um facão, olhava-me curioso. Meu bom-dia não foi correspondido, ele apenas acenou com a cabeça. Pulei a corrente que servia de porteira e segui adiante. Precisei fazer paradas porque as costas sentiam o peso da mochila; mais alguns metros e ouvi os primeiros barulhos de gente.

Aproximaram-se quietos. Danilo – um estagiário, como eu – e João, caseiro do Ipema. Pegaram a bagagem das minhas mãos e me acompanharam até a área social da ecovila. O moço avisou que estavam trabalhando, mas que eu poderia almoçar antes. Eles andavam na minha frente, e a bagagem não alterava a velocidade. Segui-os com dificuldade, e não pude deixar de reparar em cada traço físico daqueles dois. Seu João parecia nativo. Sua pele grossa foi queimada pelo sol, homem de meia-idade baixo. Cabelo crespo, curto e levemente grisalho. A cintura é avantajada, todavia as pernas e os braços são fortes e rápidos. O rosto carrega olhos miúdos e desconfiados. Fala baixa e pouca. O que o destaca como homem nativo são os pés- cascudos e sem sapato. Seu nome é João Mariano de Paula Filho, o Morro tem dois 'Seu João', o Filho revela o pai

com mesmo nome e quem sabe com cascos semelhantes. Veio do Bairro Alto, região próxima de Ubatuba.

Danilo, por sua vez, é branco feito leite. No pé, usava um par de chinelos Havaianas, e no tornozelo amarrou um enfeite hippie. As roupas caíam folgadas no corpo e exibiam temas indianos; tatuou em um dos braços o som da meditação e, por mais bem disposto ao trabalho, cambaleava na sua ginga, como um bom malandro que “deu na telha” trabalhar.

Levaram-me até a cozinha – fez sentido o lugar da comida ser o mais frequentado – e voltaram pelo mesmo caminho. Fiquei parada com as malas entulhadas no pé sem saber dar o segundo passo. Todos quietos, ninguém me fez sala. Não houve as tradicionais perguntas automáticas e desinteressadas como “boa tarde” ou “como foi de viagem”? Aquele lugar não pretende ser um camping de férias e, desde o primeiro momento, isso fica claro. Daniela, uma das proprietárias do Ipema, disse: “achei que você não vinha mais! Chegou em boa hora, quer almoçar? Pode deixar as coisas no quarto de cima da cozinha, e depois que você terminar de comer, vou te explicar onde ficam e como se usam as ferramentas”. Saiu.

Enganchei a barraca na mala, peguei o saco de dormir, a lona e subi a escada de madeira que leva até o alçapão da cozinha. Lá, fica um quarto espaçoso e iluminado; a cozinha, construída nos moldes de um chalé, fez com que sobrasse espaço no piso superior e que o quarto tivesse um teto alto e triangular. As paredes são de madeira reaproveitada e bambu e, na parte de cima, não existe nada além de vidro e espaços abertos. O teto é decorado com largos panos coloridos que, pela quantidade de pó, estão ali já há algum tempo, no entanto, deixam o ambiente simpático. Os móveis: seis camas/caixote e uma estante. Os leitos são divididos em dois, de um lado, e quatro do outro. Na região mais ocupada, colocaram ainda uma prateleira baixa. Os leitos, somados com o espaço para os colchões, pareceu o suficiente para hospedar 12 pessoas. Em um deles, dormia profundamente outro estagiário.

Esse homem parecia mais velho que Danilo, o dobro da idade, contudo tinha o corpo magro de um adolescente. O sujeito é cozinheiro e ator *freelancer*. Veio de São Paulo, mas dizia que era de Piracicaba. Não reparou a minha entrada e roncava alto, com os pés para fora da cama. Calçava botas, como um bêbado que não teve forças de tirar os sapatos para dormir.

Almocei rápido uma deliciosa comida de sítio, ajeitei a bagagem no alojamento e desci na direção que aquela mulher tomou depois de falar comigo. Lá, estavam Daniela, moradora da ecovila, Danilo e Oscar, participantes da *Vivência*, e o caseiro, Seu João. Limpavam a frente de uma construção grande e aberta de pau-a-pique, o chamado “centrinho”, que serve como sala de aula e lugar de atividades. O curso de *Vivência Intensiva* oferecido pelo Ipema é como se fosse um estágio

de 30 dias dentro de uma comunidade ecológica, tínhamos comida e abrigo e, em troca, obedecíamos ao cronograma de atividades do local.

Daniela perguntou por Marcelo, o quarto estagiário. Falei que ele estava dormindo. Tentou uma cara de brava que não convenceu muito e chamou todos até a casa de ferramentas. O casebre tem aproximadamente 2 metros quadrados e lá ficam guardadas as ferramentas e tralhas de uso cotidiano. Também protege a roda de água e a bateria, responsáveis por toda a energia elétrica do lugar.

Não entram nem fios, nem canos da rua dentro da ecovila. A energia provém da força motriz da água da cachoeira, vinda até aquele ponto por um cano, e uma bateria ligada ao sistema. Por conta da gambiarra, não tínhamos muita energia elétrica para uso na ecovila. Daniela explicou que suas necessidades energéticas se resumiam, basicamente, a iluminação e energia para recarregar alguma bateria de celular ou de computador. Não possuíam nem geladeira, nem chuveiro elétrico.

Todos a postos, Daniela apresentou as principais ferramentas que íamos manusear e qual é a melhor situação para cada uma delas. Carregava um ar austero e passos firmes. Seus cabelos encaracolados estavam presos em um coque. Usava roupas velhas e confortáveis para o serviço na roça e um par de tamancos Crocs. Magra, porém forte, conservava no rosto os traços de menina-moleque. Seu sorriso, franco e sincero, sempre a traía e quebrava por completo – pelo menos para mim – a autoridade que demonstrava com seu facão embainhado na cintura. Seu João, carinhosamente, chamava-a de “piratinha”.

O enxadete ou enxadão, a enxada, o penadinho, o facão e a lima. À medida que Daniela mostrava os instrumentos, explicava qual a melhor situação para cada um: a enxada serve para limpar superficialmente o terreno; o enxadete retira raízes profundas e faz pequenos buracos (covas) de muda; o penadinho é usado para limpar o mato de maneira cuidadosa, e o facão, este usávamos para quase tudo.

Daí a necessidade de saber manusear bem a lima, para manter o fio de corte e a eficiência das ferramentas. Feitas as apresentações, chegou a hora de cada um escolher a sua e descer, novamente, para a área de mato que limpávamos. O curso de *Planejamento em Ecovilas* começaria em dois dias, e preparávamos o Ipema para a chegada das pessoas. Minha ferramenta foi a serra. Com ela, eu deveria cortar raízes e pequenos tocos fincados no chão, tarefa relativamente simples e por isso imposta à pessoa mais fraca – no caso, eu.

O instrumento me escapava às mãos, quase provocando uma fatalidade a cada investida contra a natureza. João, vendo meu jeito para a coisa, disse, entre dentes, para Danilo: "essa não

dura dois dias". Não fui a única desajeitada do grupo, os homens também não conseguiram muito progresso com o machado. Marcelo, a essa altura, já tinha acordado e se juntado a nós. Vendo o sacrifício geral, perguntou: "mas aqui não tem uma picareta para arrancar esse tronco? Ou de picareta é só a gente"?

Entre o discurso e o de fato

Depois do expediente de trabalho, visitamos a famosa cachoeira do Ipema, também conhecida na região como Bacia. Os meninos aproveitaram para tomar banho e eu, friorenta, fui só pela companhia. Anoitecia e o vento esfriara. Seguimos uma trilha estreita que seguia de trás da cozinha e acompanhava as quedas. O córrego nascia na mata.

No primeiro ponto para banhistas, fiquei pasmada com a amplitude dos poços de água transparente, um lugar lindo e inóspito onde não existia rastro de gente, como em qualquer ponto turístico. Éramos só nós, os estagiários, e Seu João.

Marcelo, com toda a sua irreverência, virou-se para mim: "você tem medo de homem pelado? Tomar banho de cachoeira pra mim é só pelado"! Respondi que não, fiquei sem jeito de contrariar e parecer antiquada. Achei, realmente, que não havia problema, até ele ficar nu em pelo na minha frente; eu, completamente envergonhada, enterrei meu chapéu na cabeça e dei as costas para a cena. Seu João sentiu meu constrangimento e foi ao meu lado. Ninguém, além de Marcelo, tirou toda a roupa, e tive a impressão de que ele gostou de causar impacto.

Aquele foi o primeiro momento em que percebi que meus valores de discurso não eram exatamente os mesmos que os de fato. Eu não fiquei confortável com a nudez, apesar de falar que sim, não vi aquilo como natural e me descobri ofendida. Também fiquei incomodada com o fato de ser a única mulher presente, e senti, confesso, um desconforto por Marcelo não me diferenciar dos demais. Reconheci em mim, naquele momento, um machismo e pudor que acreditava não carregar.

O primeiro dia de trabalho mostrou que uma mulher, pela força física que possui, não vale o mesmo que um homem nos trabalhos do mato. Dani compensa seus braços finos com a experiência e o prazer de cuidar da sua terra. No entanto, não tive a mesma utilidade que os outros estagiários, todos tão inexperientes quanto eu, contudo, homens e mais fortes. Fiz o que pude e me sobrou organizar o terreno e ajustar os detalhes. Mas, na cachoeira, não houve discernimento de gêneros, e eu me incomodei.

De volta ao alojamento, foi a minha vez de tomar banho, e como a energia elétrica é restrita, eu já preparava meu psicológico para o mês das chuveiradas glaciais. Ledo engano. A ducha ficava localizada no pequeno cômodo ao lado do fogão à lenha, e estava ali, justamente, para aquecer os canos do chuveiro. A água, desviada da cachoeira, passava dentro de duas estruturas de ferro que ficavam dentro do fogão e depois seguia para o banheiro. O resultado é um banho tão quente que queimava a pele, por isso, a primeira coisa que se ensina antes de abrir o chuveiro é temperar a quentura com a torneira de água fria. Mas, observar onde estão as tarântulas, na parede, são coisas que só depois de alguns sustos consegui dominar com maestria.

Outra meta importante da *Vivência* é ensinar as pessoas a consumir produtos menos agressivos ao meio ambiente. O sabão precisa ser de coco e o shampoo, de composição natural. A água suja do banho, assim como a da pia da cozinha, passam pelo processo de reciclagem. O tratamento consiste em um sistema de cinco tanques. O primeiro é onde as bactérias que não precisam de oxigênio vão começar a decompor os resíduos. Esse estágio é um reservatório fechado em que não há luz solar, é a fase na qual a maioria das gorduras é reduzida pelos agentes anaeróbicos. A água armazenada segue para o segundo compartimento; esse contém brita, terra e plantas aquáticas. A operação prossegue por mais duas caixas de plantas e areia. No quinto depósito, a água não tem mais cor, aroma e cheiro. O uso mais comum é para irrigar a horta, porém, isso varia de acordo com as necessidades do agricultor. O Ipema joga fora sem contaminar seu terreno.

As coisas no Ipema são bem diferentes. Cada pequena atividade do dia vem com uma lição valiosa sobre reaproveitamento e mudança de hábitos. Sabemos que não se deve demorar no banho, nem deixar torneira pingando; no entanto, nunca pensamos no que vai parar naquela água que segue para o ralo e, menos ainda, imaginamos que podemos reaproveitar tudo aquilo. Percebi que muito do que a gente faz é movido pela praticidade, não nos lembramos dos impactos ambientais. Desde que seja rápido e prático, que deixe os cabelos sedosos ou que a atriz da novela use, usamos também. Foi interessante sentir na pele a ausência de produtos de beleza. Reparei que meu rosto ficou mais oleoso e que o cheiro do corpo mudou. A citronela e a fumaça da lenha úmida dominaram todos os outros aromas.

Não existiam espelhos, apenas um pequeno pedaço que dava para enxergar os olhos ou alguma sujeira nos dentes. Ninguém olhava muito para aquele objeto, e depois de alguns dias eu já me esquecia dos traços do meu rosto. Nada é prático e rápido por lá, uma pequena tarefa se

transforma em um processo demorado. Por isso, aposentaram as vaidades e ficaram apenas com o essencial.

O primeiro cafezinho do dia serve como exemplo. Toda manhã, Seu João chegava por volta das seis horas e começava a acender o fogo. Até a labareda se firmar, iam uns bons minutos de dedicação. Precisava alimentá-la com farpas finas de madeira, depois com as médias, até alcançar o estágio em que finalmente a labareda aceita a lenha maior. Nesse ínterim, o quarto em que dormíamos ficava defumado. Aquele ritual se tornou o nosso despertador, as batidas de cabo de vassoura proferidas pelo Seu João complementavam a missão de acordar os que sobravam.

Eu levantava sempre apertada porque tinha medo de andar sozinha até o banheiro à noite. Primeiro, por causa da minha visão – eu não enxergo bem-, e o risco de pisar numa cobra é alto, o segundo motivo eu explico com detalhes mais adiante. A vizinhança não foi muito amistosa. A ecovila é afastada da cidade, mas ainda está perto de gente. Gente pode ser fogo.

Olha o barulho do Gurgel

No segundo dia, fomos chamados para uma breve reunião com Daniela. Ela informou que precisávamos nos organizar nas tarefas diárias da ecovila. Elegeu quatro setores: banheiros, composteira, cozinha e corte de lenha. A cada semana, trocaríamos as atividades, assim, todos fazem um pouco de cada. Porém, a fragilidade não me deixava executar algumas tarefas, foi o caso da lenha. Toda vez que eu levantava o machado, os espectadores fechavam os olhos. Por isso, o Seu João corria na minha frente e fazia o serviço. Não achei ruim, e compensei com funções que estavam ao meu alcance, como cozinhar e lavar a louça.

Percebi que, em um ambiente no qual o trabalho braçal é mais constante que o intelectual, a mulher assume um lugar secundário nas funções, não por qualquer tipo de “ismo” – machismo, patriarcalismo, etc. – mas pelos próprios limites do corpo. Somos frágeis, e essa realidade não é tão óbvia no mundo urbano. Todavia, naquele ambiente, grita!

Incomodou-me perceber e aceitar o fato. Ou eu engolia aquela condição, ou não faria nada e, ainda prejudicaria o trabalho da comunidade. Joguei a toalha e fui para a cozinha na primeira semana. Lá, eu era tão útil quanto um homem.

As atividades seriam mais puxadas que o normal, porque as pessoas do curso *Planejamento em Ecovilas* chegavam. Marcelo pegou uma folha de caderno, desenhou uma tabela com as funções de cada um e colou no armário da cozinha. Dani explicou que a convivência em uma ecovila pode ser complicada. Então, quem não fizesse as funções da semana ou não trabalhasse

poderia ser convidado a se retirar. Enfim, desde o primeiro dia, deixou claro que tinha a autoridade de mandar qualquer um de nós embora se fosse consenso.

Assim que terminamos o café da manhã, chegou o momento de caçar serviço. Dani foi cuidar de assuntos burocráticos do curso, Danilo e João combinaram de buscar lenha para o estoque, Oscar se encarregou das serragens, e Marcelo dos banheiros.

Deixei a louça pronta e resolvi limpar as placas que sinalizavam as áreas de convívio do Ipema. As chapas eram brancas – pelo menos assim tinham sido algum dia – com o desenho da atividade feita no local. Ficavam em toda a parte, com o propósito de sinalizar cada ponto para as pessoas de fora. Na composteira, havia uma, e no sistema de reciclagem de água outra. No banheiro seco, mais uma; existiam também placas na cozinha, no alojamento, enfim...

Só descobri a quantidade de sinalização daquele lugar quando peguei uma flanelinha e fui à caça de cada uma delas. Algumas estavam tão velhas, que só de tocar já caíam. Lembrei-me de um poema de Manoel de Barros sobre um pente: o autor diz que alguns objetos abandonados na natureza ficam tão irreconhecíveis que deixam de ser o que foram e viram parte do cenário – "As cores a chifre de que fora feito o pente deram um lugar a um esverdeado musgo. Acho que os bichos daquele lugar mijavam muito naquele *desobjeto*. O fato é que o pente perdera sua personalidade". O mesmo havia acontecido com as placas do Ipema.

Seu João, curioso com o que via, perguntou: "o que você está fazendo, menina"? Estou limpando, ué. Não está vendo, Seu João? Ele soltou o ar do peito de uma vez só e abanou a cabeça com um meio sorriso. Mais tarde, descobri seu jeito de expressar inconformismo, exatamente aquele suspiro truncado. Achei graça.

De volta à sede, Danilo zombou: "nunca vi placa mais brilhante do que essas"! Ele parecia de bom humor. Na maioria das vezes, ficava quieto e compenetrado no trabalho. Eu tive vergonha porque, naquela altura, ainda não conhecia o tipo, entretanto, foi bem-vinda a interação. Os meninos seguiram para o banho de rio. Dessa vez, não fui, preferi deixá-los mais à vontade. Esperei Seu João atizar o fogo da janta e tomei meu banho quente e privado.

Dona Eliane comentou sobre a vinda de Marcelo Bueno e avisou que nossos dias de paçoca e banana estavam contados. Eu gostava das bananas de manhã.

Chegou por volta das sete – cedo para quem dorme na cidade, e um pouco tarde para o povo da roça. Dani logo anunciou: "olha o Gurgel velho do Marcelo", e deu para ouvir ao fundo o barulho de motor crescendo no silêncio das redondezas. Salete, a cachorrinha vira-lata de Dani e Frito, correu para o portão. Olhamos para o breu. Competíamos para ver quem conseguia avistar o

primeiro vulto do homem. Os estagiários ansiavam por conhecer o famoso “chefinho” das brincadeiras de Dona Eliane, e cunhado de Dani.

Brincadeira em partes. Digo isso porque ele era uns dos donos da terra, mas não o único, Dani também possuía uma parcela. O genioso mentor daquilo tudo parecia ser ele. "Chefinho" é o entrave e a alma daquele lugar, nunca compreendi muito bem isso, esses são assuntos que não procurei saber demais.

Demoramos para identificá-lo no escuro. Usava preto, calçava sapatos de borracha que não faziam barulho e vestia boina. Barba aparada. Era pequeno e magro, suas roupas mal se ajustavam ao corpo, acentuando a impressão de homem miúdo. O que escapava do conjunto frágil era seu maxilar e a barba rala e grossa.

Disse um “oi” de longe, tímido e desinteressado, sentou-se no banco da frente do refeitório. Conversou, discretamente, com Dani e Seu João, parecia passar as coordenadas para o curso de ecovilas que iniciava aquela semana. Terminou suas instruções e subiu para sua casinha a poucos metros dali. Na mesma noite, Dani avisou que precisávamos sair do quarto de cima da cozinha e ir para lá também, o cômodo ficaria com os pagantes do curso.

“Casinha” foi o apelido que deram para a casa que Marcelo construiu para si no Ipema, uma construção de pau-a-pique ainda em reforma de, mais ou menos, 4 metros quadrados. Fez dois andares. Em cima, ficava o quarto de Marcelo e, embaixo, os beliches assustadoramente martelados que serviram de cama para mim e para o estagiário chará de Bueno. Os andares eram conectados por uma escada íngreme, do mesmo estilo daquela do alojamento. Lembrava um alçapão.

Subi para a Casinha mais cedo que os outros, uma trilha escondida ligava as duas construções. Logo de cara, percebi que Marcelo Bueno mexia no computador, a luz que saía da pequena porta do seu quarto iluminava fracamente o cômodo de baixo, ela e um abajur velho ajudavam na claridade do quarto.

A Casinha passava por reformas. Metade do chão do piso inferior estava na terra, e a outra parte revestida de paralelepípedo. As paredes tinham vidros grandes e vãos protegidos por uma tela frouxa. Tive a impressão de estar mais vulnerável naquela nova casa, pareceu que poucos passos da cozinha adentraram-me na mata. Ajeitei-me em um dos colchões do beliche e forcei o sono. Não vi quando o outro Marcelo chegou. Dormi rápido, o barulho da cachoeira soava forte de lá, a Casinha localizava-se entre a cozinha e o rio, em matéria de distância, e a água passava a menos de 10 metros de nós.

Dia 7/10/2011, Terceiro dia da Vivência e primeiro do curso de ecovilas.

Tempos de curso

Só com a luz do dia reparei como aquela trilha estreita era larga e bonita, a floresta estava úmida e existiam milhares de formigas no caminho. Bueno avisou que vinha chuva forte. "É por isso que elas estão agitadas". Aguaceiros não eram novidade em Ubatuba, muito menos no Morro do Corcovado.

Na cozinha, uma surpresa. As pessoas se multiplicaram. Muitos viajaram de noite e não paravam de chegar, vieram em grupos grandes e a população do Ipema cresceu: de 8, passamos a 40 pessoas.

A comida também aumentou, as bananas deram lugar à tapioca, aos doces (de banana e abóbora) e até a um enorme garrafão de chá. Conversavam ansiosamente uns com os outros para se enturmar.

Peguei um copo de café e um pedaço de tapioca e fui para um canto. Enquanto ainda despertava, percebi uma pequena pedra atravessar meu campo de visão, o Seu João mexia comigo. Fui ao seu lado e ficamos quietos, um fazendo companhia ao outro, como dois bichos do mato que não entendem de gente.

As atividades foram marcadas às oito da manhã. Entretanto, nesse horário, as pessoas ainda se acomodavam. Começou às nove.

Cuidar da cozinha não foi fácil. Pedimos para cada um lavar sua louça, porém, a fila para a pia ficou tão extensa que muitos desistiam da tarefa. Eu esperava todos saírem para recolher os pratos restantes e deixá-los em ordem para o almoço. Se houvesse pratos sujos, não existiriam pratos limpos para a próxima refeição. O mesmo procedimento foi repetido no almoço, lanche da tarde e jantar. Não achei ruim, podia ser que o encarregado pelos banheiros estivesse em piores condições.

Marcelo Bueno é um professor afobado com o conteúdo e rígido nos horários, e logo estipulou um chamado de três berros para iniciar suas aulas e apressar o povo. O primeiro berro: "vem para a aula"! As pessoas se apressavam. O segundo: "demorou"! Já o terceiro, o ultimato dos atrasados, saía mais alto e com mais voluntários. Gritavam a todo o vapor um demorado: "começou"!

Pedia para os participantes formarem um círculo em frente à sala de aula, colocava uma música relaxante e falava algumas palavras de reflexão. Um momento de espiritualidade que precedia a aula.

Quase não participei por causa da cozinha. Somado a isso, estava a timidez que não permitia que eu me juntasse ao grupo nos gritos de chamada. O receio de me aproximar das pessoas fez com que elas achassem que eu estava lá havia um tempo. Descobri o mal entendido só mais tarde, quando passaram alguns dias e minha timidez passou.

O primeiro dia de aula do curso *Planejamento de Ecovila* foi, basicamente, a apresentação do programa. Bueno comentou sobre sua trajetória pessoal. Seu currículo é extenso e o define como bio-arquiteto, fundador do Ipema e membro da Rede de Ecovilas das Américas (ENA) e do Brasil.

Começou a pensar sobre sustentabilidade quando entrou em crise com a própria profissão e resolveu fazer algo diferente para si e para o planeta.

Seu trabalho não estava de acordo com suas convicções. Sentiu-se perdido e desmotivado, até ter a ideia de fazer uma grande viagem de bicicleta. Juntou dinheiro, chamou amigos para tomar conta de sua casa e caiu na estrada.

O roteiro inicial tinha dois meses, durante os quais ele percorreu Nova Zelândia, Austrália, Nepal e Indonésia. Os 60 dias não foram suficientes e a viagem cresceu. No caminho, observou e conviveu com gente extremamente simples, e os questionamentos sobre seu estilo de vida começaram a incomodá-lo.

Comentou conosco a amizade que construiu com um senhor que sobrevivia em função de seu laque (bovino comum nas montanhas tibetanas), e como aquela relação expandiu seu ponto de vista sobre algumas questões de sua vida.

A partir daquela experiência, nosso professor percebeu uma porção de hábitos e necessidades fundamentais que, na verdade, não são tão essenciais assim para sua sobrevivência. Ele e o homem não conversavam, um não falava o idioma do outro. Quando surgiu a oportunidade de um terceiro intermediar a conversa e decifrar os idiomas, o velho fez uma pergunta simples para Marcelo: “você é brasileiro, o que anda fazendo para salvar a Amazônia”? O homem pegou Bueno desprevenido. “Eu parei, pensei em uma resposta, mas confesso que nada, nada vinha na minha cabeça. Não fazia nada para proteger minhas florestas. Fiquei com vergonha da situação” – confessou o palestrante. Enquanto aquele homem cuidava de seu animal e supria todas as suas necessidades a partir de um único laque. O laque do velho, na verdade, era uma “dri”, nome dado à fêmea do bovino. O animal fornecia leite, lã e combustível, e suas fezes servem de lenha para o

fogo. Marcelo percebeu que morava em um país cheio de florestas e não tinha parado para pensar naquele patrimônio natural.

Foi assim que questionou seu consumo básico, e como fazia para suprir suas necessidades. Naquela altura da palestra, todos os ouvintes ficaram imersos em pensamentos, e Bueno pediu uma pausa para que todos meditassem.

Nunca pensei no que faço quando sinto uma necessidade. Se estiver com frio, coloco uma blusa, das muitas que tenho no meu armário; se sinto fome, vou ao supermercado para comprar meu alimento. Minha preocupação é o quanto de dinheiro tenho para poder trocar por aquilo de que preciso. Dessa forma, minhas necessidades são preços baixos, e a preocupação é com a minha moeda de troca – em outras palavras, com o dinheiro. Não lembro, principalmente no momento da fome, questões como terra, água potável, clima e alimentos saudáveis. Mesmo sabendo que a comida está diretamente relacionada com esses fatores, não vejo a relação. Tudo que enxergo são prateleiras de mercado e os melhores preços. Tenho tantos intermediários, entre a terra e a mesa, e entre a fome e meus recursos, que é natural não pensar em todas as etapas de produção do que se consome, senão passaríamos fome numa grande cidade. Marcelo incomodou-se profundamente.

Quando voltou para o Brasil, resolveu fazer uma experiência em sua própria casa. Não é agricultor, seus talentos estão na arte da construção. Por isso, continuou frequentando o supermercado, mas no lixo ele deu um jeito. Fez da sua residência um lugar de emissão zero.

Tudo foi aproveitado, e aquilo que não tinha como descartar ficava na casa. Seus amigos que moravam com ele, no começo estranharam, mas acabaram cedendo perante seus argumentos convincentes: “ou brinca comigo ou rua, a casa é minha”. A brincadeira funcionou e o lugar virou referência em assuntos ambientais de reaproveitamento. Suas viagens também incrementaram seus conhecimentos sobre construção e moradia sustentável. Sua casa fica na Praia Brava de Fortaleza, município de Ubatuba.

O que projetou, com o reaproveitamento de materiais usados e lixo, fez do lugar um ponto de referência para aqueles que acreditam na emissão zero de resíduos.

Justificou a escolha de contar sua vida na primeira aula do curso, para ver se conseguia ofuscar nas pessoas o que brilhou para ele. Todos permaneceram quietos e pensativos.

Pelo rosto daquelas pessoas, saía alguma reflexão sobre sua história de vida. Danilo cutucou meu braço, ele apontava o estagiário Marcelo derrubando o pescoço, a boca aberta e os olhos fechados. Saímos de fininho para buscar o lanche das dez.

Dona Eliane preparou uma bacia enorme de frutas picadas e um garrafão de 5 litros de café. Eu carreguei os copos vazios e as colheres, Seu João e Danilo carregaram o resto. O estagiário Marcelo aproveitou para lavar o rosto com água fria.

A rua de si mesmo

Os estagiários da *Vivência Intensiva* também participavam das aulas do curso semanal, mas de maneira diferente. Estávamos na aula e nos bastidores, ao mesmo tempo, almoçávamos juntos e recolhíamos os pratos, podíamos entrar na cozinha e auxiliar dúvidas sobre a programação. Isso gerou uma pequena confusão. Alguns acharam que éramos moradores do Ipema, assim como Dani e Frito; mal sabiam eles que tínhamos chegado apenas dois dias antes no lugar.

O estagiário Marcelo gostou do engano e logo tratou de retocar o erro com a intimidade que tratava os legítimos da casa. Ele invadiu a cozinha como um vendaval, contou que trabalhava de chefe culinário “freelancer” e, inspirado pelo calor do momento, tomou a vez da cozinheira e decidiu preparar o doce de abóbora programado para a semana. Dona Eliane não achou ruim, seu gênio zombeteiro deixou o homem fazer como queria, e disse de canto para os que viam a cena: “essa eu quero ver”.

Ele também ficou de receber os participantes do curso. Em pouco tempo, tornou-se o mais popular de nós. Danilo também se misturou, principalmente com a galera que estendia as noites.

As pessoas que chegaram para o curso eram bem diferentes entre si. Algumas tinham vindo de muito longe, como Pedro, um moço com vinte e poucos anos, de Olinda. Outros nem tanto, moravam em São Paulo. Acontece que o quadro formado por todos os visitantes era interessante de se ver. O Ipema recebeu desde malucos convictos – como um sujeito chamado Pedrão – até senhorinhas ecológicas: as Zisis – eram duas e com o mesmo nome. Havia um grupo mais jovem, e até estudantes da mesma universidade que Dani e Frito cursaram. Interessante, porque se via que o assunto meio ambiente é urgente e puxa o comprometimento de quase todas as gerações e nichos de pessoas. Nem todos que estavam ali eram ativistas ambientais, apenas gostavam e simpatizavam com o tema.

Confesso que o entusiasmo exagerado de algumas pessoas incomodou-me. Acontecia um deslumbramento pela comida, pelas plantas e pelo mais insignificante detalhe na parede. O lugar era muito bonito, de fato, mas aquela catarse beirava ao “puxa-saquismo”. Todos os moradores de cidade grande tinham um tio ou família que vinha do interior, acontecia um certo receio de dizer

que não sabiam de mato. Todos tinham vindo em busca de divertimento ou de algo pitoresco para contar para os amigos, mas poucos procuravam, de fato, instruções de como morar em uma ecovila. Notar isso me irritou profundamente, sem motivo racional nenhum.

Procurei por minutos de solidão. Subi para a Casinha na hora do almoço, não podia demorar, já que a louça não se autolavaria. Peguei meu caderno de anotações e achei uma frase, um pouco por acaso, que dizia: "repórter de verdade atravessa a rua de si mesmo para olhar a realidade do outro lado de sua visão de mundo. Só assim pode chegar mais perto da verdade – ou das verdades – da história que se propôs a contar". A frase é de uma jornalista chamada Eliane Brum, conhecida por fazer grandes reportagens em lugares incomuns. Pensei seriamente sobre o meu julgamento rápido. O que me fazia diferente daquelas pessoas? A louça? Dois dias a mais no Ipema? A família verídica no interior? Percebi que também não estava ali para montar uma ecovila. Queria escrever um livro sobre as pessoas que se propõem a isso. Eu também sou mais um procurando algo pitoresco para contar para os outros.

Quase ninguém queria morar em uma ecovila. Muito menos acreditavam naquilo. Aqueles que falavam que sim, desconfio que não soubessem sobre o assunto. Marcelo Bueno não se cansava de lembrar dos desafios e dificuldades desse estilo de vida, mas ainda assim existiam ecovilas no Brasil e no mundo, portanto, impossível não é. Esse foi o segundo tema discutido na primeira aula da manhã.

Ele ilustrou a dificuldade de montar uma ecovila de acordo com os erros que cometeu. Bueno e seus amigos se precipitaram a comprar uma terra e morar no mesmo lugar, porém, quando já tinham investido dinheiro, perceberam que os interesses não se alinharam, e que nem todos queriam dispensar os luxos da vida urbana. Resultado: muita briga e nenhum acordo. Marcelo conta que chegou a perder amigos, e é preciso muito planejamento e calma antes de envolver poupanças e papelada na estória.

Seu curso é basicamente evitar que as pessoas repitam o que ele fez e mostrar, para os mais desavisados, que morar no mato não é tão lindo e leve quanto uma foto hippie da década de 60. A briga ficou tão feia que os compradores da terra acabaram desistindo de morar na Ecovila Corcovado. Marcelo e sua mulher, Cristina Reis, pretendem voltar, assim que a Casinha for reformada, precisam dar o mínimo de estrutura para os filhos ainda bebês.

Desci para a cozinha e interagi com as pessoas. Ouvi o que diziam e opinei, mesmo sem motivo, mais para mostrar que estava aberta para amizades.

O morro manda lembranças

Depois do almoço, ninguém quis saber de aula. O sol saiu e as visitas foram, em peso, para a cachoeira. Quem ficou na cozinha já iniciava o quarto copo de café com doce de banana – o de abóbora não saiu como esperado.

Mesmo com o atraso de duas horas, Marcelo Bueno não desanimou, tinha muito conteúdo para mostrar e não gostava nem um pouco da possibilidade de não dar conta do recado. Resolveu mudar de estratégia. Esperou que os visitantes voltassem da cachoeira e anunciou, na cozinha, que a segunda parte da atividade seria meditação.

De volta à sala de aula, fizemos os três berros e esperamos o resto do povo chegar. Enquanto isso, Marcelo colocou uma música. Fizemos um círculo, fechamos os olhos e nos abraçamos. A pedido de Bueno, imaginamos como seria nossa ecovila ideal, e permanecemos juntos e às cegas até que a música terminasse. Esticamos o momento para ouvir os sons da natureza, da brisa tímida do morro e dos pássaros ao redor. Não era possível ouvir a água de onde estávamos, no entanto, pudemos imaginar a cachoeira ao longe.

Entramos na sala de aula completamente relaxados, a operação mental deu moleza para o corpo e fez com que as pessoas se jogassem no sofá de bom grado. A postura dos alunos foi outra da primeira para a segunda palestra, eles ficaram descontraídos e íntimos.

Marcelo mostrou pelo retroprojetor algumas fotos dos lugares que visitou e das comunidades com que teve contato em sua viagem. Exibiu também cidades modelo como "Findhorn" – vilarejo na Escócia que é referência de baixo impacto ambiental e educação holística, metodologia baseada nos princípios de compaixão e harmonia.

Tudo quieto e adormecido. Mal dava para imaginar que a poucos quilômetros dali morava gente simples e pobre, e, entre eles, como em qualquer lugar do mundo, existiam os problemas sociais.

Um menino, talvez dois, vigiavam a movimentação dentro do sítio dos hippies. Os três berros de chamada, àquela altura, viraram sinal de que mais ninguém circulava pelo camping e, por isso, era o momento de agir. Eles – ou ele – entrariam, sem problemas, no Ipema e teriam todo o tempo do mundo para recolher o que encontrasse de valor dentro das barracas destrancadas.

Os invasores não contaram com a desobediência humana. Nem todos os alunos do curso seguiam o horário à risca, devem ter visto Pedrão guardar suas coisas e sair na direção da sala de aula. Foi apenas ao banheiro e, cinco minutos depois, voltou.

Não tiveram o tempo imaginado, recolheram o que puderam e fugiram por dentro do mato. Pedrão não viu ninguém, apenas notou a sua barraca revirada. Duas tendas ao lado pareciam abertas também. Deduziu o feito e deu o alarde.

Barulhos de passos apressados chamaram a atenção de Marcelo Bueno. Era Pedrão. Vinha eufórico e branco, e falou diretamente para Marcelo em alto e bom som: "fizeram a rapa, Marcelo. Os caras entraram aqui, levaram tudo"! A resposta imediata: "aqueles noias filhos da puta, bora pegar eles". Os dois saíram correndo e sumiram. A classe se desesperou.

A partir dali, as árvores não pareciam mais verdes e frescas. Elas viraram labirintos fechados que o povo da região conhecia, nós não.

O clima quebrou. Os visitantes, assustados, andavam de um lado para o outro. Os mais jovens seguiram para a estrada, na tentativa de encontrar pistas. Danilo, junto com Pedrão e Seu João, percorreram as trilhas das redondezas. Na pressa, Marcelo Bueno deixou seu material de palestra para trás. Recolhi o computador e o projetor de imagens e descii para a cozinha. O estagiário Marcelo disse para eu checar nossas malas na Casinha, porque ia ajudar os rapazes na busca. Conferi nossas coisas.

Aparentemente, não chegaram lá. O roubo aconteceu apenas no acampamento. Os que não adentravam o mato ficaram na cozinha. Espicharam a atenção nas conversas de Dona Eliane e Seu João. A desconfiança generalizou-se no Ipema.

De repente, qualquer morador do Corcovado que levasse uma mochila nas costas virou o mandante do crime. O telefone não parou, e a comunidade próxima demorou menos de vinte minutos para saber da notícia. Foi como pedra no vespeiro. A cada nova ligação, surgia um nome e paradeiro diferente. Todavia, de todas as sugestões, existia uma que fazia mais sentido.

O bairro tem seus problemas de miséria e de droga, como qualquer outra região pobre. Lá, um menino já tinha feito fama por furtos daquele tipo. O suspeito número um: o filho de Dona Eliane, a cozinheira.

Ela não mantém relações amistosas com o filho e, pelo que Seu João falou, parece que nem se falam mais, mas foi evidente o incômodo que a mulher sentiu a cada ranger do telefone. Marcelo seguiu direto para a casa da cozinheira atrás do menino – ele estava lá, as mochilas não.

Dani, nesse momento, voltava da cidade e, ao encontrar aquela confusão na estrada e na porta do Ipema, não pôde acreditar no que havia acontecido. Comentou que já tinham furtado objetos anteriormente, mas em situação muito diferente. O sítio estava vazio e não levaram quase

nada, apenas alguns pedaços de ferro da Casinha. Roubar daquela maneira um grupo de visitantes foi, no mínimo, inesperado.

A inocência de afastamento da cidade e de “seus problemas” perdeu-se mata adentro, junto com a carteira e a mochila do pessoal.

De volta ao Ipema, Marcelo Bueno resmungava nomes e tentava se lembrar de algum suposto desafeto. Chamou Seu João de canto, o empregado é antigo na região e podia ajudar na busca por suspeitos. Os dois se sentaram no banco em frente à cozinha e conversaram baixo. Os olhos de Marcelo não saíam do grupo que estava junto à mesa, ficou receoso com a reação das pessoas.

Dona Eliane emudeceu. Cruzou os braços no balcão e assim ficou até terminar seu horário. Hora e outra resmungava: “esse povo não é esperto também, onde já se viu trazer coisa de valor pra cá”.

Gente de fibra

A noite foi agitada, todos ficaram inconformados com o acontecido. Na janta, como o assunto não poderia ser outro, alguns contaram histórias de assalto. Marcelo – o cozinheiro – não mudava o disco. Virou cúmplice da dor de cada vítima, e não tinha caso que não estivesse ouvindo.

Dona Alzira, uma senhora ruiva cheia de vida, resolveu contar a sua. Marcelo a interrompeu, fazendo piada: “só mais essa e pronto, estou de saco cheio de tragédia”. Muito humilde, respondeu que seria melhor não contar nada, porque provavelmente sua história seria a pior da noite. Ficamos consternados e curiosos, e os três ou quatro que estavam ali pediram para ela contar o acontecido. Zizi cedeu:

“Eu e meu marido viajávamos sempre para São Paulo para fazer compras para o nosso comércio. Sempre revezávamos, a cada quinze dias, ou era eu ou era ele. Naquela vez, Deus quis que fosse ele”- ela parou e, depois de alguns segundos, continuou. “Chegamos atrasados na rodoviária e o ônibus já tinha partido, seguimos a condução e pedimos para que parasse. O motorista ficou mal-humorado, mas acabou deixando meu marido entrar. O velho sofria de hipertensão, coitado, e, por causa dos remédios, precisava sempre ir ao banheiro. A gente nunca entende essas coisas de Deus, né! Enquanto ele estava na cabine da toailete do ônibus, dois homens armados que tinham subido junto com os passageiros começaram um assalto. Ele, desavisado, coitado, fez barulho para abrir aquelas portas que sempre emperram, aquelas portas

são terríveis, né! O movimento foi o suficiente para um dos assaltantes assustar e disparar duas vezes no peito do meu marido. Ele morreu na hora, sem nem saber como, nem por quê. A morte a gente entende, o que eu não conseguia aceitar, de jeito nenhum, era a obrigação de encarar meu filho e falar para ele que seu pai estava morto, não porque Deus quis, mas porque o mundo anda meio torto. Eu não desejo isso para ninguém”.

As poucas pessoas que estavam em nossa roda de conversa perderam o sangue do rosto. Justo Dona Zizi, a pessoa mais positiva e de bem com a vida do curso, era aquela com a qual a vida fora mais traiçoeira. Que coisa.

Parte 2: As lições de Bueno

A tal da cola

Depois do roubo, a rotina do Ipema mudou. Agora, a preocupação de cuidar dos pertences, cadeados e chaves ganharam importância inédita no lugar. Algumas pessoas deixaram de dormir no Ipema e mudaram para a Pousada que ficava a poucos metros da ecovila. Quem acampava não desanimou, apenas recolheram os objetos de valor e esconderam dentro do quarto do alojamento. Dani ofereceu sua casa para guardar as malas e computadores, principalmente para aqueles que continuariam no camping. A Casinha parecia insegura por ficar próxima das trilhas da cachoeira e por quase não haver pessoas circulando por perto. Por essa razão, eu e o estagiário Marcelo precisamos trancar a porta da casa e deixar a chave pendurada no prego do armário da cozinha.

Minha relação com o estagiário complicava-se com o passar dos dias, não tínhamos tempo para digerir os feitos e as alfinetadas. Encontrei-me tendo que dividir não só o trabalho e o quarto, como também a mesma chave que dava acesso às nossas coisas. Uma pequena tarefa que fosse, como escovar os dentes, já virava motivo para ou eu ou ele sairmos à procura da chave, quando ela não estava no devido lugar. Nunca estava.

Naquela noite, as pessoas, ainda nervosas, diziam além da conta sobre o Ipema e os funcionários. Achei prudente não dar ouvidos e subir mais cedo para a cama; deixei a roda de conversa e fui escovar os dentes na pia ao lado do fogão. Marcelo reparou na minha retirada: “Flá, querida, você vai fazer Yoga com a Átima amanhã”? Como a resposta foi um movimento horizontal de cabeça, pediu meu despertador emprestado e, naqueles ímpetos de simpatia sem motivo, disse que programava para ele. Eu me arrependi quase que instantaneamente...

As aulas de Yoga seriam às seis horas da manhã. O alarme foi programado para as cinco e meia. Marcelo foi se deitar pouco depois que eu, e tive a vaga impressão de tê-lo visto entrar.

O celular tocou. “Flávia, desliga esse negócio, coloca para daqui a 15 minutos”. Levantei, desliguei o alarme e fui dormir.

O segundo dia de curso, dia 8.

Naquela manhã, permaneci na cama por mais tempo. Quando finalmente desci, as pessoas pareciam animadas e muitas delas, àquela altura, já tinham feito Yoga e tomado banho de cachoeira. O cozinheiro: “nossa! Eu queria te matar, onde já se viu, me acordar 15 minutos mais cedo”? Não respondi, peguei um copo de água e busquei a garrafa de café. Seu João, ao ver minha impaciência, sacudiu a cabeça com seu sorriso típico.

As palestras começaram às nove em ponto. Eu me atrasei de propósito, lutava contra o mau humor e queria esconder meu estado. Quando finalmente fui para a aula, mais uma vez o estagiário veio ter comigo: “olha, Flávia, você precisa acordar cedo para servir o café, afinal, essa é a sua função da semana, senão a Dani vai ficar brava, mas tudo bem, eu dei um jeito”. Fiquei encabulada e voltei para a cozinha para conferir a bagunça. Chegando lá, Dona Eliane disse: “para com isso, menina, vai ouvir aquele sujeito? Eu tenho duas ajudantes comigo, vai para a aula”!

O grupo fogo

O segundo dia de aula foi sobre os três pilares básicos de sustento de uma ecovila: habitação, estilo de vida sustentável e desafios sociais.

Os ouvintes estranharam quando Marcelo Bueno começou a palestra dizendo que o grande problema dentro das comunidades é a convivência. A ecovila é um sistema de moradia muito procurado por pessoas que não querem viver sozinhas em um modelo individualista, portanto, um professor de “planejamento em ecovila” dizer que o problema dessa prática de vida é, justamente, a companhia, foi um tanto contraditório com a “propaganda” das comunidades sustentáveis.

Os assuntos da primeira parte da aula: produção de alimentos orgânicos, uso de energias renováveis e materiais de construção com baixo impacto. Os tópicos apareceram um a um com a ajuda de imagens projetadas pelo *Power Point*. Marcelo Bueno não se propôs a ensinar “tim-tim por tim-tim” como funcionava cada mecanismo de coleta de água ou a proporção exata de areia e barro da construção ecológica. Primeiro, porque a classe não era só de arquitetos, e segundo porque apesar de estarem presentes muitos deles, nem todos entendiam e se interessavam por conteúdo específico de construção. De maneira geral, não tínhamos tempo para grandes detalhes. Uma menina de Natal, muito aplicada, anotava cada “A” de Bueno. Estudava arquitetura e não se conformava com a falta de detalhes e medidas nas explicações da palestra. Ele se justificou: “gente,

calma! Tudo que eu estou passando para vocês vai estar disponível no CD que vão receber no final do curso junto com o certificado".

No segundo momento das palestras, depois da pausa do lanche, falou sobre os problemas sociais de morar com outras pessoas. Os ouvintes não pareciam muito convencidos, quando comentou que, em alguns casos, o estatuto de uma ecovila pode ser mais rígido que o de um condomínio.

Marcelo Bueno explicou que, em uma ecovila, é usado o sistema de consenso e não o de voto democrático para decidir as questões. Isso significa que não há como um membro discordar de uma decisão e ela ser exercida, os outros integrantes precisam lançar uma contraproposta até que todos estejam de acordo e, só assim, conseguem efetivar uma ação.

A rejeição ao modelo de voto por maioria se dá porque o espaço que está sendo discutido é a própria casa dos moradores, portanto, uma discordância em longo prazo pode causar a ruptura da comunidade. Dani costumava resmungar: "essa história de consenso soa muito bem, mas dá uma trabalhadeira lascada". Marcelo Bueno falou também sobre "cola", o que, para ele, é o "ingrediente secreto" nas comunidades que vingaram, e esse laço invisível não é fácil.

O professor sentiu que alguns não acreditaram naquilo tudo e resolveu deixar que os alunos tirassem as próprias conclusões. Propôs uma atividade em grupo, na qual deveríamos, ao longo do curso, montar os ditames de nossa ecovila e fazer um estatuto claro que tivesse o consenso de todos os integrantes.

Dividiu os grupos de acordo com o elemento que representa o signo de cada um. Os arianos e leoninos correspondem ao elemento fogo, já os piscianos são de água. Assim, fomos alojados em quatro grupos: fogo, terra, ar e água.

Arianos, leoninos e escorpianos foram para o grupo fogo. Pertenciam ao conjunto a outra Dona Alzira, Helena – uma menina quieta que não saía do lado de sua mãe, Maurício, um típico paulistano extrovertido –, Pedrinho, Pedrão e, como não podia faltar, o estagiário Marcelo. Minha indisposição com o cozinheiro deixava-nos no limiar do bate-boca, mas não chegávamos a discutir francamente.

Marcelo Bueno pediu para que as pessoas do mesmo grupo sentassem juntas e passou a última instrução da atividade. "Gente, acordo de boca não serve para nada, a gente esquece, e não há como provar depois o que foi decidido, quero que vocês coloquem tudo no papel e, no final do curso, vou ver para qual ecovila eu gostaria de me mudar", brincou.

O primeiro desafio foi descobrir a "cola do grupo" – aquilo que apaixonava os moradores e que determina o tipo de ecovila a ser montada. Há comunidades de todos os tipos: algumas são

espiritualistas, outras baseadas na agricultura de orgânicos, há aquelas que viram centro de estudos de um determinado assunto, enfim... Precisávamos determinar qual seria a nossa.

Para isso, Bueno pediu que escrevêssemos cinco objetivos e cinco normas essenciais para a ecovila imaginária. Só essa pequena parte foi uma baita confusão, todos falavam ao mesmo tempo e ninguém chegava a nenhum acordo. Com esforço e uma porção de interrupções, conseguimos nos ouvir. O estagiário Marcelo não gostou da maneira como foi dividido o tempo de fala, muito menos porque fui eu quem sugeri aquela divisão, e atropelava as vezes de as pessoas falarem. Mesmo assim, progredimos.

Recebemos uma folha de papel com as orientações do trabalho. Cada questão colocada em tópico para desenvolvermos. Mal achamos nossa cola, muito menos conseguimos preencher os tópicos de Marcelo Bueno. Eles falavam de leis, de uso dos espaços públicos e privados, direitos e deveres, divisão de lucros, etc. O ponto de vista crítico de Bueno sobre a burocracia ferrenha desse tipo de “sonho hippie” começou a ser mais bem compreendido e aceito.

Sexta feira, dia 9 de setembro.

Fugas não são bem vindas

Logo após o café da manhã, ao invés de ir à aula, acompanhei Danilo e Henrique para um banho de cachoeira matinal. São jovens e falantes, porém, sabem respeitar as horas de silêncio. Causávamos barulho pelas trilhas, no entanto, quando encontramos a cachoeira vazia e gelada, cada um foi para um canto e aproveitamos silenciosamente aquele ritual.

A corredeira parecia inexplorada, os barulhos da mata ficam completamente encobertos pelo som das águas em movimento, e a temperatura do banho é glacial. A entrada só é possível com um pulo rápido e certo para dentro do poço de água cristalina, senão o banhista pode se intimidar pelas aranhas ou pela frieza dos primeiros passos à beira d’água.

O choque térmico do corpo quente com a água fria faz com que a pele fique, automaticamente, amortecida. Não se vê peixes, só girinos. As aranhas também aproveitavam a manhã de sol forte, e era preciso muita atenção para não dar de testa, ou de pé, nas teias das milhares que moravam nos vãos das pedras. Aquele lugar, além de ser o chamariz de visitantes para o Ipema, tornou-se o exemplo físico de todos os vídeos e slides que Marcelo Bueno passava em seu curso. Éramos homens, aranhas, água, floresta, sapos, mosquitos, cobras, pedras e Sol: todos juntos e em paz.

Acontece que, nesses 40 minutos particulares, a louça da cozinha acumulou, e o grupo fogo

ficou sem as anotações que eu tinha feito. Quando cheguei com o cabelo molhado, quase uma hora depois do início das aulas, Marcelo Bueno falou, num tom alegre e irônico: "opa, já tirou férias, é"? Ele não disse mais nada, foi o suficiente para mostrar que uma fuga não era bem vista e nem despercebida. Por outro lado, ninguém nem reparou quando os meninos, sorrateiramente, entraram na sala por trás da bancada.

Falava sobre a cola e como descobriu, amargamente tarde, a importância dessa afinidade. Comprou com amigos uma propriedade para morarem com suas famílias e fundaram a ecovila Corcovado. No entanto, não planejaram como funcionariam as regras nem as obrigações de cada um – naquele ponto, nem sabiam que precisavam daquilo tudo.

A falta de sintonia foi tamanha que aqueles irmãos sem sangue acabaram desistindo da ideia e deixaram seus lotes para Marcelo Bueno administrar até resolverem a situação. "Gente, eu não estou aqui para jogar balde de água fria em vocês, mas é que essas coisas devem ser pensadas, senão a gente acaba perdendo tempo e amigos". Ele não comentou, mas eu acrescentei na minha cabeça a palavra "dinheiro" na equação.

Depois do relato do palestrante, voltamos para a atividade em grupo. Precisávamos desenvolver um pouco melhor nossa ecovila e estabelecer as regras da casa. Mais uma vez, confusão.

Um falava que a horta precisava ser em forma de mandalas, outro dizia que ninguém poderia trabalhar fora da ecovila. "Mas quem vai pagar as contas do empregado"? O outro respondia que não haveria empregado. A falação era tamanha que me limitei a pegar meu caderno para anotar o que diziam. O estagiário Marcelo já adiantou seu caderno e disse: "é melhor eu anotar também, vai saber se essa aí resolve fugir pra cachoeira." Fechei o caderno, pedi a palavra e avisei que oficialmente estava fora da ecovila do grupo fogo.

Quando os grupos apresentaram suas comunidades, descobri outros desistentes. O grupo terra chegou até a parar a atividade pra não sair briga. Marcelo Bueno tinha razão, as coisas colocadas no papel tomam um rumo diferente.

Um homem de raça

Com o passar dos dias, os ânimos em relação ao assalto acalmaram, a lista de suspeitos só crescia e não havia rastro de onde poderiam estar os pertences roubados. As vítimas conformaram-se e o assunto finalmente esfriou.

Já estávamos no dia nove, sexta-feira. As palestras terminavam no sábado e o curso no

domingo. As pessoas não aguentavam mais tanta aula, e, para piorar, o sujeito que viria para falar sobre permacultura não apareceu. Moral da história: chamaram o Senhor Alcides para dar conta do recado.

Nos dias de curso, o homem ia no Ipema vender paçoca, cestos de folha de palmeira e chapéus do mesmo material. Suas mercadorias ficavam na pequena corda armada ao lado da cozinha, exatamente na passagem de quem vinha da sala de aula para a cachoeira. Existia, naquele ponto, a trilha para o banheiro da cozinha- o único vaso com água encanada e, por esse motivo, o mais frequentado, um banco largo e comprido e o varal do homem. Todos os produtos foram manufaturados por ele, com exceção de algumas camisetas do Ipema que colocaram à venda.

Seu Alcides é um senhor negro, magro e trabalhador. O nome de batismo é Alcides Alves Jorge, e, mesmo novo, já mostra alguns cabelos brancos. Está com mais ou menos 40 anos. No entanto, parece mais velho, daí o “Seu” – variação cabocla do tratamento de Senhor.

Mora no Quilombo do Camburi, à beira da rodovia BR-101, e chegou na ecovila porque ouviu dizer que, no Morro do Corcovado, ensinavam uma nova maneira de fazer horta sem estragar a natureza, que vinha gente do mundo inteiro, e que estavam dispostos a ajudar os agricultores da região.

Esse lavrador não é bem um ativista ambiental, mas tinha uma terra ressecada pelos anos de pasto e não contava com a ajuda de ninguém, por isso veio até o Ipema e aceitou plantar uma agrofloresta na sua propriedade. Assim, conseguiria mais mãos para a enxada e aprenderia uma maneira de recuperar a fertilidade da sua terra. Nos dias de curso, vendia seus produtos a fim de melhorar a renda da casa de um só morador.

Sabe tudo de roça e põe em prática seus conhecimentos todos os dias na sua terrinha, não há pessoa mais adequada para falar de plantio do que ele; porém, o homem é o cúmulo da humildade. Sua dicção não é perfeita e sofre de gagueira grave.

Marcelo Bueno sabia que aquele senhor, sozinho, não podia prender a atenção daquelas pessoas da cidade, mas viu bom senso no improviso e continuou com a ideia. Chamou o Seu Alcides e apresentou o homem para a classe e, se prestaram atenção, foi mais por espanto e curiosidade, do que por interesse. Bueno, como um político habilidoso, vendeu o peixe para quem não queria comprar e saiu. Alcides ficou lá, em frente a um pé de bananeira, falando tudo o que sabia para as paredes e não se intimidou diante daquele público da cidade.

Ninguém parou para ouvir, mesmo porque era preciso um pouco de paciência para entender suas palavras truncadas. Já escurecia e a fome ajudava a dispersar a atenção do povo.

Seu João perguntou se eu não ia esquentar a comida, e lembrei que precisava adiantar a brasa do fogão, senão aquele povo todo não jantaria e nem tomaria banho tão cedo. Dona Eliane deixava a sopa da noite pronta. Antes de sair, dizia para complementar o caldo com os potes de farinha de mandioca que estavam dentro do armário. Eu ajeitava os pratos e talheres no canto esquerdo do balcão, colocava as latas de farinha à direita e, no centro, punha aquele exagero de panela. O certo era servir apenas o caldo, mas o pessoal não se esquecia das sobras do almoço, não tinha jeito, esquentava tudo. O que era para ser uma janta leve e zen virava um self-service sem pé nem cabeça. Seu João dava apoio, ele não entendia como aquelas pessoas comiam coisas tão leves sem nenhuma proteína animal, dizia que não sentia falta de carne, mas todo o dia jantava na casa de sua mãe. Nunca descobrimos o que ele comia, quando perguntávamos, respondia com um sorriso irônico: “comida, ué”!

Sábado dia 10 de setembro.

Morosidades

Algumas vezes, dava a impressão de que as pessoas queriam testar o quanto Marcelo Bueno conhecia sobre determinado assunto, e não aprender com ele. Era comum ouvir: “mas esse material é derivado de petróleo! Você usa isso”? Marcelo Bueno, muito calmo, respondia: “olha, se você procura morar em uma casa com zero impacto ambiental, então vá morar em uma caverna, o que estamos tentando é reduzir os danos. Esse material, apesar de ser derivado do petróleo, é leve e isolante, por isso é bom”. Tanto a resposta direta quanto as perguntas enviesadas repetiram-se nos cinco dias de curso. Apesar das palavras duras, Marcelo Bueno é carismático, e respondia, sem rodeios: “você quer o quê? Morar numa oca? Vai lá e depois me conta como foi”. A pessoa ria ao invés de se zangar. Um dom raro.

No fim de semana, o palestrante preferiu usar material menos cansativo, e baseou a aula em vídeos educativos com o tema água. O estagiário Marcelo e outros dormiam profundamente durante os filmes. Muitos saíram do sofá e foram para a arquibancada dura para não cederem ao cansaço.

Mais tarde, falei com Dani sobre um assunto delicado na ecovila: conexão com a internet.

Uma das propostas do estágio da *Vivência Intensiva* do Ipema é fazer com que as pessoas desliguem-se da vida externa, esqueçam dos problemas de fora e dediquem-se por inteiro ao trabalho diário e à rotina. Porém, como aquela era a única maneira de falar com meu trabalho, ela permitiu que eu conferisse meus e-mails – não todos os dias, mas de tempos em tempos, e sem

que ninguém visse. Contou que, em Vivências anteriores, chegou a permitir o contato virtual e, por conta disso, o alojamento virou uma *lan house* de noite. “Todo mundo ficava no computador e acabava a nossa proposta de interação com o ambiente”, justificou-se. Eu compreendi e prometi que seria discreta e moderada.

No penúltimo dia do curso, as jantãs e os almoços eram, propositalmente, estendidos pelos visitantes, menos por desinteresse nas palestras e mais porque a comida e o ar fresco do Morro do Corcovado já despertavam saudades nas visitas. Marcelo Bueno ficou agoniado porque não deu conta de passar todo o conteúdo do programa. A confusão no dia do assalto fez com que perdesse quase um dia inteiro de aula. Na contramão, estavam os alunos do curso, que não ajudavam na eficiência do professor e faziam o possível para estender os horários de descanso.

Marcelo entendeu o recado. Logo após o jantar, propôs uma noite de sarau e fogueira em frente à sala de aula. Dessa vez, não houve atrasos, as pessoas terminaram de comer, passaram mais uma camada generosa de repelente e foram às nove em ponto.

O céu apresentava-se estrelado, como raras vezes se vê naquela região, e se não fossem as aranhas e cobras do Ipema, seria possível andar sem a ajuda de lanterna, apenas com o luar. Henrique levou seu violão e aqueceu a noite com algumas músicas de Jorge Bem Jor. Enquanto isso, os aspirantes a cantores, sem vergonha nenhuma, arriscavam, aos berros, acompanhar o instrumento.

Bueno pediu um minuto de silêncio. Sentiu que era momento de tocar em assuntos delicados. Não podia deixar de colocar em panos limpos o acontecido.

O discurso estava pronto, as ideias milimetricamente encabeçadas para envolver o ouvinte e convencê-lo de que todos os males podem ser aproveitados como lição. Nem por isso, foi cínico.

O furto dentro da propriedade de Dani e Marcelo foi completamente inesperado, perderam a inocência que tinham sobre as pessoas do bairro e se surpreenderam com as visitas também. Bueno não imaginava que o grupo pudesse voltar a relaxar depois da confusão e se enganou. Duas pessoas ficaram apenas com a roupa do corpo. Por amarga coincidência, tinham o mesmo nome para facilitar a fofoca no bairro – eram os Pedros; Pedrão levava sua carteira consigo, mas Pedrinho não. Os dois contaram com a solidariedade das pessoas; os homens deram roupas, as mulheres ajudavam com o que podiam, viveram bem aqueles quatro dias de curso.

A postura de Pedrinho impressionava, o menino veio de Olinda, desembarcou no Rio de Janeiro, pegou um ônibus até Ubatuba e não possuía mais nada além de uma camisa, shorts e chinelos de borracha. Apesar de tudo, não se chateou.

O que o aborreceu foi a possibilidade de perder uma aula do curso para fazer o boletim de

ocorrência na cidade. Resultado: foi na cidade quando pôde, não perdeu a aula e não se preocupou, nem um segundo, com seus pertences. Quando perguntavam sobre sua condição, respondia com o sotaque carregado do Norte do país: “é a vida, minha gente”.

Domingo dia 11- último dia de curso

Dia de licenças e de festa

Marcelo falou, em linhas gerais, sobre os assuntos da semana e comentou algumas técnicas mais detalhadas de capacitação de água. Aproveitou para passar algumas informações, porém, foi breve. O motivo principal da conversa era ouvir o que os participantes acharam do curso. Cada um deu o seu relato e, no final, o resultado agradou. Dani pendurou uma pequena caixa de sugestões perto do balcão da cozinha e de lá choveram críticas sobre a segurança do lugar.

A atividade terminou mais cedo e muitos aproveitaram para dar o último mergulho na cachoeira, o resto aglomerou-se nas mesas compridas da cozinha. Notava-se fácil o clima de despedida e festa, as pessoas pareciam, ao mesmo tempo, ansiosas e tristes para voltar às suas rotinas.

Pela noite, fizemos uma festa de despedida, os estagiários ficaram encarregados de cuidar da cozinha e não permitir a entrada de ninguém, além de nós e de Seu João. O cozinheiro encarregou-se das pizzas de *chapati* – massa de farinha e água de procedência indiana. O recheio, não tão exótico assim, parecia bastante com a pizza brasileira – queijo, tomate, cebola e manjericão, nada de carne.

Permitiu-se bebida alcoólica pela única vez. Marcelo Bueno é rigoroso no cardápio vegetariano e na sobriedade das pessoas que frequentam o lugar. No entanto, o dia era de festa e todos queriam exagerar nos comes e bebes. Não seria Marcelo Bueno quem os impediria disso. Ele só fez questão de lembrar que as normas do lixo permaneciam as mesmas: tudo o que cada um produzisse deveria voltar consigo, nada de bitucas e latas de cerveja perdidas no Ipema.

Logo no começo da noite, todos procuraram um jeito de buscar uma “birita” para a festa. Alguns dirigiram até a cidade, outros foram, a pé, explorar os botecos e vendas do Morro do Corcovado. Acompanhei um moço chamado Gustavo, que trabalhava como fotógrafo em São Paulo e havia ficado quieto quase todo o tempo do curso, interagiu apenas o necessário e quase não tirou fotos. Enquanto caminhávamos, perguntei sua opinião sobre a experiência. O moço foi breve: “não é para mim, acho que não funciona. Eu mudaria em dois dias se tivesse que aguentar toda essa gente o dia inteiro. Quero levar uma vida com baixo impacto, porque acredito que essa

preocupação é necessária, mas sem gente, o contrário não dá”. Caminhei quieta ao seu lado e compreendi seus motivos. Mudamos a direção da conversa para assuntos mais leves.

De volta à área de convivência, o lugar não estava o mesmo. As mesas compridas de refeição, que costumam tomar todo o espaço do refeitório, haviam arrastado para perto da parede, o que abriu o espaço ideal para a pista de dança. As caixas de som de Marcelo Bueno pararam embaixo da escada e garantiram a música da festa. Tocava samba rock e todos dançaram bastante, mesmo porque em apenas cinco dias não havia muito assunto em comum.

Invadiram por completo a cozinha, área restrita aos de fora. O estoque de limão de Dona Eliane desapareceu, da mesma forma misteriosa que apareceram garrafas de pinga e cervejas vazias no balcão. Marcelo Bueno provou uma batida aqui e outra ali, por educação. Ele é um anfitrião cuidadoso, dançou e tirou fotos, mas não perdeu o controle de si em momento algum.

Além da pizza e das bebidas, outra novidade pegou os visitantes de surpresa: Marcelo Bueno pediu para fazermos uma feira de troca. A atividade estava no cronograma do curso, porém, um problema de comunicação – ou de memória – fez com que a secretária do Ipema se esquecesse de avisar os participantes, ou que Marcelo se esquecesse de avisá-la, nunca saberemos.

Havia de tudo, desde vela e repelente, até boina boliviana. Foi intrigante observar as pessoas negociando objetos e ver a facilidade com que passavam adiante seus pertences. As trocas aconteceram logo depois da primeira rodada de pizza. As pessoas ficaram cansadas de dançar e cheias de tanto comer. A feira de troca tornou-se o momento de descanso para os pés e uma pausa na comilança.

Na segunda fornada de pizza, todos se sentiam satisfeitos e comeram com os olhos mais do que com a barriga. Seu João apreciava o agito da galera e animava-se com a festa. Não gostou de me ver com um copo de cerveja na mão e disse: “não me vai ficar de fogo, menina! Esse povo já está daquele jeito”. Eu achei graça e gostei da consideração. Seu João tinha razão: era tarde.

Perguntei para Marcelo Bueno se poderia dormir no alojamento da cozinha, pois sobrava uma cama vaga depois do roubo. Ele respondeu que não havia problema, então fui para a Casinha o mais rápido possível para pegar minhas coisas e levar para o novo quarto. Algumas pessoas também tinham desistido da festa e conversavam deitadas nas camas, apenas esperando o sono vir. Bati papo com uma menina simpática de São Paulo, Tatiana; enquanto isso, a festa continuava.

Parece que o pessoal não desanimou tão cedo, e foi preciso Marcelo Bueno intervir para que abaixassem o som. As pessoas transferiram a farra para a beira da cachoeira e ficaram madrugada adentro tocando violão e conversando.

Parte 3: Lacuna de gente

Só nós

Na manhã seguinte, os visitantes levantaram acampamento. Alguns partiram bem cedo, por conta da distância, e outros permaneceram até a entrega dos diplomas, marcada para depois do almoço. Cada participante recebeu o certificado do *Curso de Planejamento em Ecovilas do Ipema* e o CD-ROM com os arquivos detalhados do que havia sido exposto nas palestras. Aos poucos, a ecovila perdeu gente, e a rotina voltava à sua forma original. À noite, todas as pessoas do curso já tinham ido embora, inclusive Marcelo Bueno, e sobrou um espaço imenso. Silêncio.

Dani e seu companheiro Frito compareceram para o jantar. Durante o curso, raramente o casal se sentava na mesa.

Frito é quieto e desconfiado – até aquele dia, eu não me lembrava de tê-lo ouvido falar com alguém que não fosse Dani – mas, naquela ocasião, ele conversou um pouco conosco. Não perguntou nada sobre a nossa vida, nem contou sobre a dele; falou de coisas pontuais, disse que precisávamos ajudar na horta perto da Casinha e que sossego é bom. Dani, mais comunicativa, quis saber o que tínhamos achado da semana e qual a nossa impressão sobre o roubo.

Respondemos que o acontecimento assustou, mas que, tanto a gente, quanto as pessoas do curso, conseguiram lidar bem com aquilo. Ainda estava apreensiva com o ocorrido e Danilo a acalmou. “Ixi, fica sossegada, Dani, quer gente mais tranquila que o Pedrão”!

O estagiário Marcelo, evidentemente agoniado, repetia a todo o momento: “É, minha gente, agora somos só nós”. Danilo contava as fofocas do curso e histórias de Pedrão, Oscar não via a hora de mexer na horta, e eu pensava que finalmente poderia começar minha *Vivência Intensiva* na ecovila – mal sabia que já tinha começado, com apresentação de *Power Point* e tudo.

O horário de acordar mudou, levantávamos às seis nos dias de curso e depois pudemos dormir mais duas horas. Quando descí para a cozinha, estranhei como as coisas estavam calmas e havia muito menos gente no lugar, porém, outros rostos apareceram: os de Dani e Frito. Ela passava o tempo com a gente, mas sempre mantinha distância do grupo; já de Frito, seu namorado, não se via rastro.

Dani, a “piratinha” do Seu João, sentou-se à mesa, comia banana amassada com paçoca e bebia café. Frito encontrava-se na cadeira ao lado do fogão. A sensação de quentura que a lenha do fogão provocava na pele fazia com que aquela cadeira fosse o ponto mais concorrido da cozinha. O casal estava falante e trocava gracejos com Dona Eliane e Seu João. Clima de missão cumprida.

Ela explicou que, naquele dia, tínhamos uma colher de chá por conta da agitação dobrada do final de semana e que precisávamos conversar sobre a rotina de trabalho na comunidade.

A mulher é bem-humorada, de riso fácil. Porém, quando pretende começar um assunto importante, fecha o rosto e fala pausadamente. Todos ao seu redor perceberam que o tom da conversa é outro. Foi uma dessas carrancas que ela usou na nossa primeira reunião. Tínhamos conversado quando chegamos, porém, como houve um curso no meio, as coisas saíram da rotina e era necessário fazer novos acertos nas tarefas de cada um.

Ela começou estabelecendo um horário para começar as atividades do dia, não importava quando saíssemos da cama, desde que às nove horas estivéssemos prontos. Discorreu mais uma vez sobre as funções básicas dos estagiários: composteira, cozinha, lenha e banheiros; lembrou do direito de banir qualquer pessoa que não exercesse essas funções ou criasse problemas ao grupo. Sentamos ao seu redor, cada um com seu prato de banana com paçoca – menos Danilo, que preferia apenas café e tabaco no desjejum – e concordamos com tudo que disse. Até Dona Eliane e Seu João ouviam firmes o que falava. Aquilo era, de fato, uma reunião importante. Apesar do pouco a ser dito, o que expôs era de suma importância para que todos pudessem conviver naquele lugar.

Dia de muda e enxada

Dani avisou que iria com Frito para o centro de umbanda naquela noite, e que todas as segundas-feiras nós ficaríamos aos cuidados do Seu João. Danilo se interessou e perguntou, tímido, se poderia ir junto. Falou que sim e gostou da atenção do outro pelo assunto.

Marcelo mal ouviu a conversa e perguntou o mesmo. Ela não viu problema desde que todosoubessem no carro. O cozinheiro não tinha o interesse místico de Danilo, precisava ver gente, sair daquele lugar vazio e quieto. Danilo voltou atrás no seu pedido e respirou fundo para não demonstrar irritação.

Marcelo, logo que se ofereceu para ir com o casal, virou para nós e perguntou se alguém gostaria de ir também. Danilo, muito discreto, saiu da cozinha e foi fumar seu tabaco longe da casa. Oscar não quis saber do caso e continuou fazendo suas anotações no computador.

Dani e Frito frequentam a umbanda religiosamente. Hora e outra, eu via Dani carregando um maço de flores brancas na mão, muito diferente das galinhas e bodes que as pessoas costumam esperar de um casal de umbandistas.

Café da manhã agitado. Todos ansiosos para mexer com a terra, especialmente Oscar. Dani disse que ia para a cidade cuidar dos assuntos financeiros do Ipema com o contador; portanto, faríamos uma atividade menos perigosa e que não precisasse de sua supervisão. Trabalhamos na transferência das sementes de Juçara já germinadas, da sementeira para os saquinhos de muda.

A tarefa saiu atrapalhada, mas acabou dando bons resultados. Naquela manhã, produzimos duzentos e quarenta sacos de Jussara, estávamos em cinco pessoas, Seu João e nós. O Ipema planta e vende as mudas da Palmeira, com frequência, e por isso é importante manter o estoque de, pelo menos, 100 brotos no viveiro de plantas.

Para isso, precisamos pegar uma lona velha que não tivesse problema em receber alguns golpes inexperientes de enxada, balde, peneira e saquinhos para as sementes germinadas. Dani passou as coordenadas da atividade.

A lona serviu para forrar o chão em que é feita a mistura. Primeiro, uma baldada de terra de formigueiro – vulgo argila –, depois, a mesma medida em areia e, finalmente, o balde de composto orgânico peneirado. Íamos até a composteira, pegávamos a parte mais antiga da mistura e passávamos a peneira para tirar os restos de comida menos decompostos e as minhocas.

Feita a mistura, a segunda parte consiste em encher os saquinhos. O segredo para fazer mudas fortes é preparar bem a terra e cuidar da proporção de um terço de cada elemento, daí é fazer um furo fundo com o dedo indicador na terra fofa e colocar a semente de juçara recém-aberta. Oscar ficou encarregado de transportar as mudas até o viveiro, escoradas umas às outras na carriola, e organizá-las.

Marcelo estava estranhamente quieto aquela manhã, Seu João especulou que poderia ser por causa da visita ao centro, mas isso era mais piada do que convicção.

No final da atividade, ficamos contentes com o resultado, e foi gratificante percebermos a quantidade de futuras árvores que produzimos. O sol estava forte, como poucas vezes se vê no Corcovado, e terminamos um pouco antes do meio-dia. Aproveitei o recesso para ir tomar banho de cachoeira. Não era muito comum eu entrar na água e, quando resolvia ir, não comentava. Isso foi rapidamente percebido pelos meninos, e ninguém se convidava para vir junto. Achei que, assim, eu fugia de situações embaraçosas e deixava os outros à vontade com as suas manias nudistas. Danilo disse-me naquele dia que não iria mais para a cachoeira com Marcelo se o cozinheiro insistisse em nadar pelado, ele não diria nada, apenas faria o mesmo que eu.

Não perdi tempo, peguei minha toalha no varal, mudei rapidamente a roupa de baixo por um biquíni e fui em direção à cachoeira. Entrei de uma vez na água gelada e fiquei admirada com a

beleza daquele lugar. A cada chuva que caía era possível notar leves mudanças no relevo e na disposição das pedras. Por ser um raro dia de Sol, uma quantidade impressionante de insetos e aranhas estava aproveitando o calor fora da toca. Deixei-me sozinha por um bom tempo, até meu corpo se secar por completo, e retornei para a cozinha. Faziam falta os momentos de solidão.

Só saí daquele instante particular por culpa dos pernilongos. O corpo fresco, sem repelente, era um banquete para os milhares que habitam aquela região, e voltei para fugir desses bandidos. Se não fosse por eles, gastaria toda a minha hora de almoço estirada naquelas pedras ao lado do caminho de água.

À tarde, fomos mexer na plantação que fica entre a cozinha e a cachoeira. O terreno é íngreme, localiza-se ladeira abaixo da Casinha de Bueno.

Frito e Dani, com a ajuda do amigo e vizinho Edu, fizeram curvas de nível no barranco inteiro, a ponto de complicar o equilíbrio de quem andasse entre as fileiras de terra erguida. O lugar é estratégico, porque fica próximo da vista dos moradores. Dani explicou que a horta deve estar sempre perto da cozinha, porque senão não há boa vontade que faça o cidadão buscar o alimento antes do almoço. As plantações, quando muito distantes, são esquecidas pelos moradores.

No entanto, o que privilegia também prejudica o lugar, e da mesma forma que estava visível para nós, ficou fácil para os visitantes da cachoeira, por isso não podíamos entrar pela parte de baixo do barranco, apenas por cima, na trilha da Casinha; fazíamos o seu contorno e descíamos até a plantação. Assim, não deixávamos rastro de gente para os de fora, e a vegetação crescida escondia a plantação.

Uma horta de permacultores é bem diferente da tradicional; Seu João, acostumado com hortas retas e sem mato, não se conformava com a disposição das folhagens entre os canteiros (leiras) e em cima deles. A própria leira recebia o saldo da poda e margaridão picotado.

Margaridão é uma planta que, ainda hoje, é conhecida como mato e até praga. Brota muito rápido e em qualquer condição. Porém, quando usada de matéria orgânica, é rica em fósforo e um excelente protetor solar para o solo. Antes de começarmos o trabalho, Dani explicou rapidamente o que estava sendo feito ali e como deveríamos proceder. Ensinou que o maior problema do solo é deixá-lo sem cobertura vegetal; por isso, protegemos as ondulações de terra com aquilo que podamos no caminho, a folhagem de revestimento seca torna-se adubo para a plantação. Comentou também que capim gosta muito da luz do sol, e que por isso deveríamos forrar toda a superfície do barranco, seja leira ou não. No lugar de passagem, usamos folhas de bananeiras, pois são mais lisas e fáceis de pisar, assim, um pouco fora de hora, aprendemos a cortar bananeiras

também.

Recebíamos muita informação e cada detalhe fazia toda a diferença. Havia uma direção certa para plantar as mudas de mandioca, a combinação ideal de culturas, o espaço entre elas, o que era mato e o que não era... Os nomes das espécies, então – Mangerioba, Crotalária, Fedegoso –, não ajudavam em nada a memória. Dani precisava explicar dez vezes a mesma coisa e mesmo assim não dava sinais graves de impaciência.

-----//

As bananeiras em família

Quando vemos um cacho de bananas pendurado na feira, não imaginamos a trabalhadeira que dá colher esse fruto tão comum. Para cortar uma bananeira, é preciso técnica, principalmente se for um exemplar do Ipema. O solo é tão bem cuidado que, mesmo não usando um pingote de agrotóxico, as plantas costumam crescer de maneira assustadora. Os pés chegam a ter 4 metros de altura, prejudicando a iluminação da plantação. Isso sem falar dos cachos, a competição com os passarinhos é acirrada. A banana mal engorda no pé e já devemos retirar o fruto da árvore. Bananeiras são árvores que dão frutos uma só vez na vida, e deixá-la no local é permitir que uma planta sem utilidade consuma nutrientes e água das outras culturas.

Na hora de cortar o tronco, devemos posicionar o facão de maneira diagonal, assim, a lâmina desliza mais fácil pela consistência fibrosa do caule e cai de maneira programada. É preciso geometria e experiência para medir com precisão o lugar em que a planta cairá. Dani é mestra no assunto.

Contou que, na faculdade de engenharia florestal, tinham uma disciplina que ensinava a cortar árvores com motosserra, e seu professor lançou um desafio: quem derrubasse a árvore mais próxima da estaca posta por ele ganhava uma caixa de cerveja. Bebeu muito às custas do homem.

Mas nem toda a técnica do mundo faria com que qualquer um ficasse bom no manejo das bananeiras. Para conseguir o corte certo, é preciso um bocado de força, caso contrário, várias investidas de facão mastigam o tronco, prejudicando o seu reaproveitamento na sustentação das leiras. Esse tipo de caule demora para se decompor e é muito úmido, por isso, é um excelente apoio lateral de canteiros. Seu João não gostava nem de olhar quando eu pegava o facão na mão. Minhas forças de menina não davam conta do recado e era preciso segurar o cabo firmemente, com as duas mãos, para proferir um golpe intenso. Seu João ralhava comigo e Dani morria de rir: “Ai, Flávia, não aguento, você usa o facão como se fosse um taco de beisebol”.

Limpado o mato e feita a cobertura de folhagens, chegou a hora de semear o terreno. Dani,

mais uma vez, juntou o grupo e explicou como deveria ser o plantio. A permacultura é uma ciência da agricultura que leva em conta a integração dos ciclos das plantas e o ambiente em que estão. Por isso, sementes diferentes são postas juntas para se auxiliarem no desenvolvimento. Enquanto uma planta rompe o solo, a outra ainda está germinando e necessita de mais sombra, daí uma cultura mais rápida ao lado da vagarosa – isso sem falar no aproveitamento de tempo e espaço. A ideia é não deixar apenas uma espécie no solo desprotegido do sol. Queimadas, então, nem pensar.

Na sementeira, fomos separados em grupos de dois. Eu e Oscar, Danilo com Seu João e Dani com Marcelo. Cada dupla foi responsável por um canteiro, e subíamos a encosta conforme as sementes entravam na terra, de forma que o terreno ficou alternado pelas duplas. A ordem das sementes também seguiu uma lógica: em 40 centímetros de canteiro, plantamos cinco tipos de culturas.

O Guandu – espécie de feijão selvagem – era colocado no mesmo buraco que o grão de milho e a semente de mamão; 20 centímetros adiante, colocamos três sementes de abobrinha e, mais 20 à frente, punhamos sementes de Crotalária – outro tipo de leguminosa, excelente fixadora de nitrogênio no solo.

Enquanto isso, o segundo grupo plantava manivas em forma de x. Seu João resmungava para Danilo: “eu nunca vi maior confusão de planta, pra quê isso? Se Dani permitisse, eu roçava tudo isso aqui e deixava limpinho”, Danilo inutilmente tentava convencê-lo que ela plantava certo, mas de maneira diferente da tradicional. O sermão, quase sempre, não adiantava, e Danilo soltava uma de suas expressões mais frequentes: “ai, Seu João, Seu João, você é terrível”!

Para ir ao banheiro durante o serviço, era preciso se afastar e fazer as necessidades no mato, o que acabou gerando alguns problemas de localização. Marcelo ainda pernoitava na Casinha e preferia o mato ao banheiro seco. Mal desconfiava o homem que o ponto que escolheu como toalete pessoal viria a ser a trilha para uma plantação. Não deu em outra: Dani pisou em um cocô humano. No mesmo instante, voltou de mau humor e disse: “gente, tudo bem cagar no mato, mas pelo amor de Deus, saiam da trilha e evitem ficar perto de lugar plantado”! Todos caíram no riso, e acusamos Marcelo imediatamente como o autor da obra. Ele negou a autoria até o último dia de curso.

Estávamos, mais uma vez, realizados. Aquele mato desorganizado, à primeira vista, foi criando sentido em nossas percepções e, no final, conseguíamos ver exatamente onde existia semente e onde precisava de ajuste.

Nós terminamos o serviço às seis horas da tarde e voltamos todos para a cozinha. Começou

a garoar. Todos tinham urgência de banho. Os meninos foram para a cachoeira e eu esperei a lenha aquecer os canos de água do chuveiro. Mais tarde, enquanto jantávamos, Dani comentou que o trabalho rendeu e, como na quarta-feira seria feriado em Ubatuba, teríamos o próximo dia livre das obrigações do Ipema.

Outro motivo para o dia de descanso era a visita ao quilombo em que morava Seu Alcides. Íamos ajudá-lo com a construção de uma cisterna – espécie de caixa d'água para armazenar a chuva, e como o trabalho é muito puxado, ela achou melhor deixar-nos descansar. Naquela noite, fizemos planos de descer o Morro e visitar as praias de Ubatuba.

A janta não sobrava como se via em dias de curso, e agora comíamos apenas um caldo de legumes e farinha de mandioca, o suficiente para os quatro. Seu João sempre insistia para eu passar um café à noite, mas ninguém aceitava a sugestão, então, fazíamos chá mate. Por causa do mau tempo, Oscar e Danilo desistiram de acampar e mudaram-se para o alojamento. Marcelo não passava sufoco, ele tinha seu lugar na Casinha, mas resolveu juntar-se a nós. O quarto foi dividido em duas regiões: de um lado estava Marcelo, Oscar e Danilo, e do outro ficava a menina – no caso, eu.

De início, não gostei da divisão, porém, depois de presenciar duas ou três trocas de roupa do Marcelo, percebi a vantagem de estar afastada e agradei a segregação. O espaço é grande e coubemos sem transtorno. Às oito horas da noite, todos dormiam.

Quarta-feira, dia 14.

A paçoca

O dia raiou escuro feito fim de tarde, a energia caiu e o Ipema acordou mais molhado do que de costume. Acordei com um sobressalto, um furioso trovão fez com que as paredes do alojamento tremessem. Depois daquele estalo, não consegui mais pegar no sono. Ainda dentro do saco de dormir, pude ouvir o som abafado de Seu João e de Danilo na cozinha, foram os primeiros a se levantar. Marcelo e Oscar dormiam profundamente do outro lado do quarto, alheios ao escarcéu do temporal. Aquela imagem deles, ainda na cama, encorajou-me a uns minutos a mais de preguiça. Eu fiquei de olhos abertos observando o céu carregado de nuvens pela janela. Foi a primeira vez que tive ócio na comunidade e o que começou como um merecido dia de descanso tornou-se um martírio ao longo das horas.

Com aquele tempo, não fomos para nenhuma praia. Até a hipótese de ir para a cidade era desanimadora com a chuva grossa e as poucas peças limpas de roupa que sobraram. Ficamos

reféns do barro e confinados na cozinha.

Dia de folga para os funcionários. Teimoso que era, Seu João quis trabalhar, o que lhe rendeu broncas de Dani. Dona Eliane não apareceu. Por isso, parecia que não existia absolutamente nada para fazer e ninguém para chegar. Não houve o tumultuado café da manhã e os resmungos da cozinheira. Éramos nós e a chuva.

Esfriou e as goteiras brotavam em quase todos os pontos do quarto. Danilo mudou sua cama de lugar, a nova disposição deixava ele ao meu lado, o que não foi problema. Por receio dos pingos, enrolei meu computador na lona que trouxe para cobrir a barraca, o plástico estava seco e limpo pela falta de uso. As goteiras eram imprevisíveis e aumentavam a cada dia.

Passamos o dia em volta do fogão, nossas roupas estavam molhadas por conta da chuva do dia anterior e não havia canto que não tivesse virado cabide provisório.

Marcelo resolveu tomar banho de cachoeira, mas até isso não era adequado. O volume de água e a correnteza aumentam com as chuvas, e não é seguro nadar em dias de muita água. Seu João e Dani pediram para que tomássemos cuidado e avisaram Marcelo dos perigos da Bacia.

Fiquei encarregada do almoço, o qual fiz o mais devagar possível, o objetivo era consumir o tempo – tanto o fiz, que o macarrão perdeu o ponto e virou uma grande papa. Os meninos ajudaram-me com a louça e novamente a falta do que fazer passou a assombrar os moradores temporários do Ipema.

Dani condeou-se do nosso marasmo e teve uma ideia. O vidro de paçoca estava quase terminando, e, como tinham colhido amendoim, era hora de fazer paçoca. Não precisavam reabastecer o pote, mas pareceu urgente achar uma ocupação para os moradores. A sugestão foi bem-vinda, assim, ficávamos aquecidos pelo calor do fogão e mataríamos as horas daquele dia que custava a passar.

Eu já tinha visto meu pai torrando amendoim no forno elétrico de casa. Para mim, aquilo era uma invenção de moda e sujeirada desnecessária. Resolvemos fazer o mesmo, mas no forno à lenha sem um toco de madeira completamente seco. Considerei meu pai um bagunceiro amador perto daquela gente.

Dani se aproximou com um tacho de pouco mais de meio metro de diâmetro repleto de amendoim. A primeira tarefa era retirar os grãos de dentro das vagens e colocá-los na panela de barro. As cascas também foram reservadas, mas essas serviram apenas para dar mais combustível ao fogo. Depois de desmembrar vagem e grão, era hora de torrar o amendoim.

Não existe ingrediente especial nenhum, não colocamos sal nem água, apenas a boa e

velha paciência para mexer a panela. Essa fase é importantíssima para garantir que todos os grãos queimem por igual. A dica para descobrir o ponto ideal de cozimento é quando a pele do grão começa a se desprender do recheio.

Depois disso, é só averiguar se todos os grãos estão no mesmo ponto, senão, voltamos a mexer. Dani foi a primeira que ficou encarregada dessa missão, Marcelo logo se prontificou para substituir seu lugar e lá ficou por menos de cinco minutos, eu tentei um pouco também e como comecei a dizer muitas vezes que já estava cozido, seu João tomou o meu lugar. Foram ao todo quatro pessoas e oito cãibras – uma de cada braço – até que todos os grãos fossem torrados à medida.

Passada a fase de torrar o amendoim, chegou a vez de amassar a panelada, mas como no mato facilidade é luxo, o pilão estava mofado. Lá fomos nós lavar e secar a cavidade de madeira maciça.

As equipes se dividiram: Seu João e eu ficamos encarregados de descascar o amendoim, enquanto o resto tentava dar um jeito de salvar o pilão do mofo e da umidade. A panela com os torrados foi entornada na peneira para a retirada das cascas. Dani passava as coordenadas de cada passo: “gente, fica um pouco mais para fora da cozinha que isso faz sujeira. Olha, é assim... é só passar a mão com força e a pele desprende do grão e cai através da peneira”.

Depois do exemplo, foi nossa vez, em nossos pés caía uma chuva de pó avermelhado que, em poucos minutos, encobriu tudo quanto é fresta e canto daquele pedaço de chão. A dupla do tacho foi encarregada da limpeza. Enquanto isso, a parte interna do pilão secava na entrada de lenha do fogão.

Amendoim já torrado, cascas separadas e pilão seco. Chegou a hora de socar a mistura. O amendoim precisava formar uma pasta semelhante àquela que os norte-americanos costumam passar no pão, e só depois de atingir esse estado é que os outros ingredientes são adicionados à mistura. Põe-se farinha de milho, sal e açúcar e, mais ou menos, meia hora de piladas: a paçoca do modo como a conhecemos começa a aparecer.

Colocamos o HD do Frito no computador do Oscar para ouvir música. Nossa trilha sonora foi Tim Maia Racional, não só o ritmo como também a coleção de cachaças de Frito fez a energia de todos. As piladas ficaram compassadas, e a euforia da bebida fez o frio e o cansaço irem embora. Uma concessão no dia gelado.

Aquela foi a paçoca mais trabalhosa que eu conheci, e a primeira colherada pagou o custo de tanto esforço. Não degustei apenas o delicioso sabor do amendoim fresco, mas senti na boca o gosto da missão cumprida. Aquela pasta doce era nossa vitória sobre o tédio, o frio, a chuva, o

comodismo e a falta de noção da trabalhadeira que é fazer um dos doces mais comuns e baratos do Brasil.

Dani estava bem-humorada, sua ideia de fazer amendoim salvou o dia e, além disso, aprendemos como se faz paçoca. Ela disse uma frase que não consigo esquecer: “tem gente que não come paçoca porque diz que engorda, quero ver engordar depois dessa trabalhadeira toda”.

O serviço deu fome, ficou escuro e começamos a comentar sobre o que íamos jantar. Frito confessou que estava morrendo de vontade de comer galinha cozida, achamos graça do comentário, no entanto, o desvio na dieta vegetariana foi bem aceito. Marcelo foi o único que ficou contrariado, pois preferia manter a privação de carne até o final da vivência.

Conversa vai, conversa vem... acabamos, por fim, decidindo que comeríamos galinhada. Frito foi até o vizinho buscar o frango e, em menos de vinte minutos, estava de volta com o jantar vivo em uma das mãos e uma faca afiada na outra. A janta ia demorar, uma vez que a expressão "foi buscar a galinha no galinheiro" se faz literal naquela cozinha. Fiz um prato de banana com paçoca fresquinha e voltei para o lado do fogão. Mais uma aventura culinária estava prestes a começar.

O almoço do cozinheiro

Marcelo é meticoloso, gosta das coisas exatamente do seu jeito, tanto é que, se não forem assim, então melhor que nem sejam. Essa personalidade marcante já dava seus primeiros sinais de implicância, na noite passada, quando resolvemos cozinhar a galinha. Ficou encarregado de fazer o almoço naquele dia, era dele a total escolha do que íamos comer, por isso, resolveu fazer cuscuz. Para acompanhar, havia carne de soja com vagem. Nada de galinha cozida, nem para ele, nem para o resto.

Apesar de trabalhoso e bem elaborado, o menu não agradou o pessoal e ainda desperdiçou a preciosa carne. Depois desse dia, os dotes culinários de Marcelo viraram mote para as constantes gozações de Danilo e Seu João.

Frito chegou à ecovila só no começo da noite. Passou a tarde com o Seu Alcides, adiantando o serviço na horta. Parece que, por lá, o tempo firmou e que só no Morro do Corcovado a chuva não dava trégua.

Ficamos animados com a notícia e resolvemos que, no outro dia, íamos ajudar o homem, com chuva e tudo. Depois de acertada a viagem até o Seu Alcides, Frito perguntou: "e aquela galinha especial"? Entrou na cozinha, verificou as panelas e ficou com a expressão confusa. Danilo

saiu de perto e foi para o quarto, e Seu João não disfarçou o sorriso de canto de boca. “Eu fiz um cuscuz com o que sobrou do frango, experimenta”! – prontificou Marcelo. Frito não disse nada, desviou o olhar com toda a sua marra de carioca e se serviu do cuscuz. Dani disfarçou a situação e começou a tagarelar o plano para o fim de semana, disse que haveria muitas atividades na região e que no sábado a farra seria para os lados da casa do Seu Alcides.

Marcelo se animou e perguntou para a Dani se podia passar a noite por lá para ir às festas. Ela respondeu que a decisão não era sua, que ele precisava falar com o dono da casa primeiro. O estagiário concordou e corrigiu sua ansiedade. “Ai, verdade! Imagina chegar na casa dos outros sem avisar. Bom, vou levar uma muda de roupa mesmo assim, tudo bem pra você, Dani”? Ela acenou com a cabeça como quem desacredita e acha graça da sua própria autoridade.

Dia 15 – Quinta Feira.

As pedras viram sabão

Aquele dia estava programado para irmos ajudar o Seu Alcides na construção de uma cisterna lá na sua propriedade. Porém, o dia amanheceu mais molhado do que o anterior e não havia jeito de fazer nenhuma atividade a céu aberto, muito menos uma caixa d’água de ferro-cimento. Por isso, Dani achou melhor postergar a visita e, ao invés disso, adiantaríamos a reforma da Casinha. As paredes internas precisavam de uma mão de tinta, e o chão era grosseiro demais para receber os joelhos novinhos das crianças de Marcelo Bueno. Precisávamos terminar de retirar as pedras de paralelepípedo.

O desafio: cabermos todos dentro daquelas paredes estreitas. Não sobrava espaço para quatro pessoas em quatro metros quadrados, mais as pedras, o balde e a tinta. Mal cheguei e Danilo já ralhou: “Flávia, volta para trás, aqui não tem serviço para você. O serviço é pesado, e você só vai ocupar ferramenta, vai escrever uma boa história que você ganha mais”. Fiquei decepcionada, mas não achei ruim. Tinha razão.

O estagiário Marcelo, o mais franzino deles, também deixou a Casinha. Dona Eliane não apareceu naquele dia, e o almoço ficou por sua conta. Apesar de gostar muito de cozinhar, aquilo se tornou um martírio para ele. Não havia ninguém na cozinha com quem pudesse conversar e isso o deixava agoniado e ríspido.

Dani conferiu o fogão atrás do almoço e perguntou porque eu me encontrava ali. Contei que tinha sido “expulsa” da Casinha, que o trabalho seria pesado e eu só serviria para atrapalhar os meninos. Sorri, mas não se convenceu. Ela não via distinção entre tarefa de homens forçados e

meninas magras, metia-se a besta em qualquer trabalho. Tanto fez que está proibida de surfar - uma de suas atividades favoritas – porque caiu de uma palmeira de Juçara enquanto colhia seus frutos.

Sentou na cadeira ao lado do fogo e ficou mais quieta do que de costume. Percebi que estava incomodada com alguma coisa e levava a mão às costas. Aproximei-me e perguntei se estava tudo bem, ela disse que sim, que tinha escorregado na escada do escritório e batido as costas já machucadas. Foi dessa forma que descobri sobre o acidente com a palmeira, caso contrário, provavelmente não saberia até agora. Ela estava assustada e contou que a mochila amorteceu a queda e salvou sua coluna.

Se acontecesse alguma coisa mais grave, qual seria o tempo até a encontrarmos ferida? A expressão de seu rosto sugeriu que talvez estivesse pensando o mesmo, e disse: "olha, galera, muito cuidado com o mato quando ele fica molhado, a madeira e a pedra ficam que nem sabão". Marcelo interrompeu e disse que a cachoeira não empurrava tão forte assim. Ele gosta de polêmica, mas não se atreveu a contrariar aquela mulher durona e evidentemente ressabiada. Sua petulância é sensata.

Sexta-feira, dia 16.

O Quilombo do Camburi

Muito serviço e nada de energia elétrica nos esperava no quilombo. A ordem: acordar bem cedo para aproveitar a luz do dia. O café da manhã comeríamos na cidade, não podíamos perder tempo. Fomos com dois carros cheios. No Gol, estavam Dani, Oscar, Danilo e Edu; já na caminhonete, entramos eu, o estagiário Marcelo e Frito.

Seu João não se conformou de não ir conosco, e tinha bons argumentos: "vocês vão precisar de mim lá, o trabalho de obra é pesado, e eu já tenho experiência, vocês não vão dar conta." Mas Dani não queria deixar o Ipema vazio, e Seu João foi contratado justamente para não deixar isso acontecer. Ele detestava ficar sozinho.

Marcelo, ao ver Edu com um chapéu de palha, comentou: "olha esse Edu andando de chapéu embaixo de toldo"! Frito explicou que o chapéu não é para fazer "tipo" de sitiante, é por motivos espirituais da umbanda, a crença de Edu. Marcelo soltou uma gargalhada, Frito fechou a cara. Alguns minutos de monólogo e finalmente chegamos à padaria, famintos, com exceção de Danilo que comia muito pouco ou nada de manhã.

No Ipema, nunca reparamos em sujeira e vestuário. O lugar tem apenas um espelho, e esse

é grande o bastante para enxergar uma faixa de olhos, de maneira que vaidades eram questões completamente postas de lado. Mas, ao entrar na padaria, percebi que estávamos muito diferentes do resto dos frequentadores, a camisa branca deles era branca. A nossa, marrom. Pareciam limpos e enfeitados. Nós tínhamos vestido o que havia de seco no varal e o que sobrou dentro da mala. Fiquei um pouco constrangida.

O noticiário da televisão hipnotizou os estagiários, sentimos uma necessidade de ver além do Morro do Corcovado, o que acontecia no mundo enquanto morávamos no mato. Oscar foi o caso à parte. Permaneceu concentrado no sanduíche de presunto e queijo quente e repetia baixo para si: “gostoso, isso é muito gostoso”! Ele usa palavras simples e lembra a fala de uma pessoa muito nova por conta do pouco conhecimento do idioma. Dani, Frito e Edu punham a conversa em dia como velhos amigos e não davam muita bola para o olhar oblíquo dos outros clientes, e também não ligavam para a televisão.

Não perdemos tempo, assim que terminamos de comer, Dani recolheu nossas comandas e seguiu para o caixa. A comida era por conta do programa de *Vivência*, mesmo fora do Corcovado. Ainda tínhamos meia hora de estrada até a comunidade quilombola onde mora Seu Alcides.

Frito virou a camionete em uma curva fechada, e logo apareceu uma pequena estrada de asfalto. Andamos pouco tempo por ela, até o motorista avançar para o acostamento. Ele parou o carro, e Dani encostou seu Gol preto minutos depois. No lugar, não havia nada além de mato e uma placa do governo indicando que ali ficava o Quilombo do Camburi. Os dois carros estavam cheios de comida, manivas e sacos de cimento, portanto, nosso primeiro desafio foi levar tudo isso para a casa do seu Alcides e, de lá, morro acima. O acesso até o início das casas é uma pequena trilha onde passa só gente, bicho e bicicleta. Portanto, não tinha jeito senão cada um carregar o que pudesse nos braços.

Danilo estava ansioso e abraçou mais troncos de pé de mandioca do que podia aguentar. Eu, que vinha logo atrás com um maço três vezes menor, fui resgatando o que caía de suas mãos. A trilha foi longa, mas sem grandes complicações. Frito avisou que o desafio maior seria o barranco do morro.

Danilo encontrou-se primeiro com Seu Alcides. Esperava-nos ansioso. Achamos sua casa por indicação dos moradores com os quais cruzamos no caminho. Eu e Danilo ficamos em frente a sua casa esperando pelos outros e sinalizando o caminho, enquanto Seu Alcides voltou para ajudar a descarregar os carros. Em pouco tempo, estávamos todos no pé do morro. Organizamos mais uma vez os itens e seguimos caminho morro acima.

Eu trazia apenas uma panela de pressão vazia, um pacote de carne seca e um cacho de banana pequeno. Danilo levava as enxadas e um algumas mudas de mandioca e, mesmo com quase nada de peso, fizemos duas paradas para tomar fôlego. Enquanto Seu Alcides nos ultrapassava, numa velocidade sobrenatural, com um saco de cimento embaixo do braço e um latão de água no ombro, sem paragens ou cansaço aparente. “Será que ele faz isso todo dia”? – ironizou Danilo.

Finalmente, o topo do morro: lá estava a terrinha do homem e o lugar foi aquela surpresa. A propriedade fica na encosta que dá para o mar, a vista é um resto de mata na costa e a imensidão do mar aberto. Mas, o que seria um ponto positivo para uma casa era uma desvantagem para a plantação, o morro havia sido descampado pelo pasto e a maresia do mar deixava a terra extremamente ácida. Dani explicou que as plantas demoram o dobro de tempo para crescer em comparação com o solo do Ipema, por isso, faziam a correção da terra com leguminosas – o que mais se via eram feijões Guando.

O lugar quase não tinha estrutura humana, havia uma pequena casa, mas caiu. O que permaneceu foram dois viveiros: um com mudas de Juçara e o outro com hortaliças, um fogão à lenha cimentado no chão, o esqueleto de madeira da nova casinha e a estrutura de ferro, futura cisterna, montada por Marcelo Bueno na *Vivência* anterior.

A agrofloresta era nova. As plantas já não pareciam mudas, mas cresceram pouco, e mesmo assim já dava para ver o resultado do esforço daquelas pessoas, uma pequena floresta colocada estrategicamente na parte de terra mais vulnerável à maresia.

O esqueleto de ferro estava muito bem feito, e fiquei curiosa com a habilidade dos antigos estagiários, afinal de contas, eles eram tão inexperientes em construção como o nosso grupo, como fariam tal estrutura com tanta precisão? Dani, que me via alisando a malha de ferro com os dedos, adivinhou minhas indagações e falou: o Marcelo Bueno estava aqui. Percebi o que ela quis dizer e achei graça.

Alcides mora no Quilombo do Camburi, à beira da rodovia BR-101. A história do lugar teve início com um grupo de escravos que fugiram das fazendas de Paraty sob as ordens de uma negra chamada Josefa. Hoje, Dona Josefa é considerada parenta distante de todos os moradores e tem sua casinha preservada na comunidade.

Os quilombolas viveram do jeito deles até meados dos anos 70, quando a rodovia finalmente chegou à região. Com a chegada da estrada, chegaram também os males da civilização. A comunidade ficou a mercê da especulação imobiliária e dos aproveitadores de terra, o povo teve

sua pior época. Conseguiram se firmar como donos legítimos do território apenas em 1995 pelo ITESB - Fundação Instituto de Terras de São Paulo.

Hoje, o lugar abriga 39 famílias e ocupa uma região de 972 hectares, o mesmo que 9 milhões e 724 mil metros quadrados de área. No meio de toda essa gente, Seu Alcides mora sozinho. Vive em uma casa simples, meio pau-a-pique, meio tijolo, que seu pai deixou para ele depois de velado. O homem é esforçado e, com o tempo, conseguiu comprar sua própria terra numa encosta de rochedo. A sua propriedade é ao lado de sua casa, porém, do outro lado do morro. A subida é quase uma escalada, e até os que têm a saúde impecável precisam subir a trilha de terra em etapas. Seu Alcides caminhava com a tranquilidade de quem estava no chão plano, e disse que, depois de algumas milhares de vezes subindo e descendo o morro, com saco disso e ferramenta daquilo, o caboclo acostuma. Ficamos desacreditados com a agilidade do homem.

Por isso, ajudar o Seu Alcides na construção de uma cisterna para guardar a água da chuva era tão importante. Primeiro, porque a plantação precisa ser regada todos os dias e segundo, porque quem sobe aquele morro, uma vez só que seja, não imagina que um homem possa subir e descer aquela ribanceira com latões cheios de 18 quilos de água. Dani, Frito e Edu sabiam disso, mas nós não fazíamos ideia das dificuldades do homem.

Sem Marcelo Bueno para vistoriar a construção, aquela cisterna tanto poderia ser um sucesso, quanto um fracasso, mas estávamos ali para, ao menos, tentar. Nossa atividade era revestir a malha com a mistura de areia, água e cimento conhecida na bioconstrução como ferro-cimento. O aspecto ecológico está na adição de areia para fazer render o produto, e o social diz respeito ao preço reduzido desse tipo de construção. Uma caixa de água vinda da loja custa 150 reais, já o saco de cimento sai por apenas 23. Quando a caixa de água ficar pronta, Seu Alcides poderá armazenar a água da chuva e não vai mais precisar subir o morro com latões pesados.

A chuva não veio, mas ameaçava cair a qualquer momento. Por isso, Seu Alcides ficou afobado com o serviço. Fomos divididos por funções: Edu, Frito e Danilo foram trabalhar na agrofloresta; Marcelo e Oscar se encarregaram da cisterna e as mulheres do fogão.

Precisávamos terminar o almoço antes que chovesse, não existia lugar coberto para proteger o braseiro. Então, ou íamos rápido nos preparativos, ou comeríamos banana.

O fogo inicial não pega fácil e normalmente demora algum tempo até que vire uma chama duradoura; essa etapa, pela primeira vez, foi rápida. O vento soprava tão forte no topo do morro descampado que a pequena brasa logo tomou força. O cardápio do dia: carne seca com abóbora. Mais uma vez, a dieta vegetariana era burlada. Dessa vez, o cozinheiro não se conteve.

Há poucos metros adiante, estavam Oscar e Marcelo trabalhando na cisterna. Por causa do

corpo magro e esguio do segundo, sobrou para ele ficar dentro da cisterna, enquanto Oscar ajudava do lado de fora. Ele encostava levemente uma pequena tábua de madeira, enquanto Marcelo rebocava pelo lado de dentro. Ninguém sabia muito bem como deveria ser feito o trabalho. Mas, com palpites e intuição, as paredes da cisterna começaram a crescer. Marcelo é enérgico e ansioso, e ficar dentro daquela espécie de gaiola, impossibilitado de se mexer, deixou-o agoniado. Oscar nunca reclamava das atividades, mas naquele dia quis ir embora o mais rápido possível, ia ver sua namorada mais tarde e perdeu a paciência com o outro.

Enquanto isso, eu e Dani planejávamos como sairia o almoço. Foi apenas quando começamos a cortar a abóbora que lembramos que tínhamos esquecido tábua, facas boas e água para lavar as panelas. O jeito foi improvisar. A louça foi limpa em uma poça de água da chuva, formada a poucos passos de nós, e a casca da abóbora retiramos com o penadinho, facão e porrete. Colocávamos a lâmina do facão num ponto estratégico e dávamos uma paulada na parte oposta do fio de corte. A abóbora foi reduzida a pedaços, usando o mesmo procedimento várias e várias vezes.

Dani gargalhava de nossa dificuldade e apelidou nosso fogão de “fogueirinha de mendigo”. Esquecemos (não sabíamos) que era preciso escaldar a carne seca antes de cozinhar, e a comida saiu extremamente salgada. Os complementos eram: farinha de mandioca e feijão com linguiça - feitos por seu Alcides no dia anterior.

Marcelo não pode sair de dentro da gaiola, porque a cobertura de cimento estava muito frágil, então, tivemos que levar o prato de comida até ele, o que se repetiu mais duas vezes até o fim do almoço. A situação tornou-se engraçada e, toda a vez que ele chamava, nós dizíamos que o passarinho queria alguma coisa; ele, por sua vez, incorporou o passarinho.

A louça suja voltou para a poça, pegamos um pouco de água estocada da horta e fizemos o café. Frito argumentou que os micróbios morreriam com a água fervida. Dito e feito: lavamos os talheres e passamos o cafezinho. Danilo não viu a poça nem a procedência da água, porque senão ele não almoçaria nem tomaria o café. Todos bebemos, e como estávamos cansados e com frio, a bebida caiu muito bem. Seu Alcides disse que faltava açúcar e acrescentou uma faixa branca no fundo do seu copo. O resto de nós tomou puro.

Logo depois do almoço, Marcelo quis ir ao banheiro e não tinha jeito de tirá-lo de dentro da gaiola sem que a argamassa, já posta, descolasse da parede. A solução: fazer xixi lá de dentro mesmo. Abaixou as calças e mirou contra o vento. As mulheres deram as costas.

O vento soprava cada vez mais forte, e o céu estava forrado de nuvens, por isso, não tínhamos ideia das horas. Seu Alcides não demonstrava nem frio, nem cansaço, quando

terminamos o serviço e resolvemos ir embora. Disse que sobrava serviço, mas como sexta-feira é dia de culto no quilombo, achou válido encerrar a labuta. Dani é branca e umbandistas e Seu Alcides é negro e cristão.

Danilo, Frito e Edu voltaram da agrofloresta. Danilo gostava de fazer render a atividade, e isso o deixava feliz e relaxado. Ele estava sempre comentando sobre seu caráter ansioso, e que se manter ocupado parecia o seu santo remédio. A distância que manteve de Marcelo também ajudou a melhorar o seu humor. Enquanto fazíamos os últimos ajustes para a partida, acendeu seu cachimbo e descansou pela primeira vez naquele dia.

Descemos a ladeira por volta das cinco e meia da tarde, era importante ainda ser dia até chegarmos no lugar em que estavam os carros. Não há luz nas trilhas do quilombo, e tropeçar com as ferramentas na mão poderia ser fatal. A descida foi quase tão difícil quanto a subida. O desafio não foi a força, e sim o equilíbrio de se manter em pé na terra escorregadia. Àquela altura, Marcelo ainda não tinha perguntado para o Seu Alcides se poderia dormir na sua casa.

A casa de seu Alcides é pequena, e não há espaço para nada além de si mesmo e seus cestos de folha trançada. Marcelo não pensou que aquele senhor fosse tão simples e que sua presença poderia incomodá-lo, e, como não disse nada, Danilo se adiantou e perguntou: "então, Marcelo, vai ou não vai dormir aqui"? Marcelo fez que estava confuso, mas era evidente seu arrependimento. No final das contas, Marcelo ficou.

Causo de onça

Fomos embora com pressa por causa de Oscar. Ainda não tinha comprado passagem e estava quase na hora de encontrar sua namorada em outra cidade. Depois que o levamos para comprar o bilhete na rodoviária mais próxima, Dani sugeriu que tomássemos uma cervejinha. O dia tinha sido duro, e ela achou o agrado merecido.

Resolvemos parar em um boteco próximo. Aproveitei e pedi um salgado. A dieta de vegetais do Ipema deixa qualquer um prevenido, daí a minha necessidade de colocar algo mais indigesto no estômago. Enquanto isso, Dani pediu os copos e todos sentamos à mesa, até Oscar ficou alguns minutos antes de embarcar. A primeira parte do assunto foi Marcelo. Edu perguntou: "nossa, mas ele vai dormir por lá mesmo? Esse aí é bixo grilo", e Danilo acrescentou: "ele só foi porque estava contrariado. Se a gente não tivesse tirado tanto sarro dele, estaria aqui agora". Dani gargalhou com o comentário.

Conversa vai, conversa vem, e a cervejinha começou a se estender, Oscar estava gostando

bastante dali, mas precisou pegar seu ônibus. Sobraram cinco: eu, Danilo, Frito, Dani e Edu. Falamos de tudo. Danilo contou da sua rotina fora do Ipema. Seu pai é dono de uma fábrica de ração de peixe e, de acordo com o estagiário, o trabalho para administrar tudo aquilo não é fácil. O assunto chegou à profissão do pai do moço porque falávamos sobre comida, um dos tópicos favoritos, em especial sobre carne. Conforme contava Danilo, na fábrica, chegam caminhões carregados com peixes frescos todos os dias, e por estarem fora do padrão de medida para exportação ou venda interna, o alimento é incinerado. Disse que na sua casa é muito comum comerem peixe.

Fomos para um papo mais filosófico sobre as necessidades das pessoas. A prosa teve um tom diferente do de costume, falávamos sobre nossas vidas e banalidades.

No Ipema, nossa conversa era sempre sobre serviço e qual a melhor maneira de fazê-lo. Danilo citava com frequência o sítio do seu avô e as coisas que plantaria quando voltasse. Oscar não era de papo, queimava seu tempo estudando as lições de plantio e gostava de comentar sobre Tati – sua namorada brasileira.

Não se sabe como os assuntos se desenrolam em uma conversa de bar, só sei que de repente falamos sobre onça e, para a surpresa de todos, Edu é um sujeito que sabe do caso. Relatou experiências bonitas – outras nem tanto – sobre seus encontros com o felino. Ele conta que esteve perto com o bicho em pelo menos duas ocasiões em sua vida; na primeira vez, o animal cortava o horizonte do cerrado numa corrida de foguete. Era uma onça parda atravessando a paisagem descampada. Conta que ficou impressionado com a beleza e velocidade do bicho e foi uma das imagens mais bonitas que já viu. A segunda vez não apreciou tanto assim:

"Um dia, eu e uma amiga voltávamos tarde para a casa, a noite estava escura e seguíamos a trilha com a ajuda de uma lanterna. De repente, tomamos aquele baita susto, demos de topo com um tamanduá na trilha, o animal recuou e nós, então, nem se fala. Prosseguimos a viagem, mas outro bicho apareceu no farolete... Dessa vez, bem maior que o primeiro e ainda mais assustador, não fazia ruído nenhum. O vulto apareceu e fixou os amarelos olhos de gato para a nossa lanterna e vimos toda ela negra. Estava no rastro do tamanduá e nós, por azar, entramos no fogo cruzado. Eu nem sei o que me deu, foi instinto mesmo! Levantei os braços e gritei o mais alto que pude, e se hoje eu estou aqui é porque essa loucura deu certo. Rapaz, que medo"! Confessou.

A hora passou para Edu, e ele preferiu não estender conosco. Sua mulher o esperava para jantar e, como tinham um filho pequeno, não podia deixar de ajudá-la. Ele é um sujeito simpático e sofre de hipnotismo crônico das gracinhas do seu filho, por isso, pediu a chave da camionete para Frito e voltou mais cedo para casa. Nós, por outro lado, já tínhamos perdido a hora. A conversa

estava boa e merecia continuar.

Chegamos ao Ipema muito mais tarde do que de costume, e Seu João estava na cozinha, Agoniado. Não tinha luz, porque o cano que leva a água até a bateria havia sido deslocado do lugar com a chuvarada. O homem ficou com receio de se enfiar sozinho na correnteza e decidiu esperar a nossa volta para pedir a ajuda de Danilo. Os dois trabalhavam muito bem juntos, e um era a dupla favorita do outro.

O Seu João é atentado

Fiquei aliviada por estarmos fora quando a energia caiu, depois do incidente com o acampamento, não consegui parar de imaginar que, por trás das folhagens, poderia haver alguém. O escuro evidentemente aguçava minha imaginação.

Voltamos animados para contar ao caseiro o nosso dia, descrever a comunidade do Seu Alcides, sua agrofloresta e, acima de tudo, dar a notícia de que Marcelo havia resolvido, por pura e espontânea pressão, pernoitar no quilombo. Falamos das histórias de Edu e sobre a cerveja depois do dia de trabalho. Seu João fechou a cara só na parte da bebida e alertou: "meninada, precisam fazer igual a mim: só água e café".

Dani e Frito ficaram pouco tempo conosco e logo seguiram para a casa. Restamos apenas eu, Danilo e Seu João, o caseiro costuma dormir cedo, porém, como esperou por companhia o dia inteiro, estendeu o expediente. Ainda estávamos eufóricos por conta da dose extra de cerveja e não tínhamos um pingo de sono, então, perguntamos para Seu João sobre onças.

Seu João gostou da deixa e começou: "está ouvindo esse barulho? É *pio* de cobra". Não ouvíamos nada, contudo, acenamos com a cabeça. "De noite, quando está quase manhã, a gente ouve aquele barulho de gato bravo e puxa o ar assim, bem fundo, meio que contra o vento, e vem aquele cheirão forte de alho... Aí o povo já sabe que ali tem onça brigando. Eu nunca vi uma na minha frente, só senti o cheiro". Danilo não o esperou terminar: "para! Seu João, o senhor acha que a gente é bobo"? Os três gargalharam, e o contador jurou, de pé junto, que dizia a verdade.

Seu João bebericava o café do fim do dia, enquanto eu e Danilo preferimos um chá de melissa para acalmar a bebedeira. Depois de algum tempo, o fogão apagou, e finalmente resolvemos dormir. Danilo argumentou que precisávamos descansar porque o fim de semana seria agitado. Íamos ao show do Alceu Valença na cidade vizinha e dormiríamos na casa de Cris, irmã de Dani, em Ubatuba. "No domingo, ainda vamos trabalhar na escola dos filhos do Marcelo Bueno, *bora* dormir", lembrou Danilo. Seu João não se conformou: "mas vocês vão trabalhar de novo?"

Domingo é a folga de vocês, a Dani não pode fazer isso". Danilo o corrigiu: "Não, Seu João, vamos porque queremos, isso é uma atividade que não tem a ver com o Ipema". O caseiro não se interessava, de fato, pelo nosso regime de trabalho.

Depois que saiu, Danilo comentou: "o Seu João é atentado, você acha que ele gosta de ficar sozinho? Gosta nada".

Sábado, dia 17.

Acordamos com mais um dia caudaloso no Ipema, levantamos duas horas mais tarde do que o horário usual. Nove horas da manhã e ainda sentíamos sono. Esse marasmo se aplicou apenas aos estagiários, porque Dani, Frito e Seu João acordaram às seis. Não tínhamos luz elétrica ainda, porque o caseiro esperava Danilo para arrumar o cano. O café ficou pronto por necessidade fisiológica de Seu João, e o desjejum, cada um fez o seu.

Escolhi duas bananas amassadas com paçoca e uma pequena mexerica, e Danilo bebeu apenas café. A conversa da manhã foi sobre o estagiário Marcelo – o que estaria fazendo numa hora daquelas? Mesmo não estando ali, continuava sendo o centro das nossas atenções.

Decidimos que eu faria o almoço na ausência do cozinheiro e de Dona Eliane. O Ipema aquietou-se com dois a menos. Ocupei-me dos preparativos do almoço, e Danilo foi ajudar seu João com o cano de captação de água. Naquele dia, estávamos dispensados das atividades do Ipema, fizemos apenas o serviço diário e o que não poderia deixar de ser feito, como o tal do cano fujão.

Na hora do almoço, Danilo contou a aventura do seu dia: "a cachoeira está cheia de dar medo! O cano ficou muito longe da posição ideal, aí o Seu João pediu para subir nas minhas costas, vê se pode? Ele ia me quebrar! Eu subi nas costas dele e tomamos o maior caldo, mas acho que deu certo"! Morríamos de rir imaginando a cena, Seu João é um senhor forte e pesado, e de maneira nenhuma Danilo conseguiria suportar tamanho peso nas costas.

Comemos macarrão com legumes e deixei pronta a massa de *chapati* (tipo de pão indiano) para o lanche da tarde, mas ninguém apareceu na cozinha depois do almoço. Seu João e Danilo iam e vinham da cachoeira para a casa de ferramentas, sempre apressados e completamente sujos; o esforço dos dois não foi em vão, e novamente o cano transportou água para a bateria elétrica. A luz voltaria até a noite.

No fim da tarde, estávamos animados. Íamos ao show em São Luiz do Paraitinga. Danilo não via a hora de tomar uma cachaça artesanal, e eu ansiava pelos quitutes de carne da festa.

Organizamos uma mochila, porque, depois do show, íamos dormir na casa da Cris; domingo era o mutirão na escolinha das filhas dela e de Marcelo Bueno, por isso, seria mais fácil pernoitar em Ubatuba do que voltar para o Ipema. Precisávamos localizar o estagiário Marcelo também, ele ligou à tarde perguntando quando chegávamos, avisamos a hora da partida. Íamos nos encontrar em Ubatuba.

Dani alertou que a altitude da cidade do show faz com que a temperatura caia muito e que devíamos ir bem agasalhados, o que não foi fácil. As roupas estavam, ou molhadas, ou sujas, e o jeito foi colocar aquilo que sobrou. Danilo improvisou uma meia com chinelos – seu tênis parecia um bloco de barro. Coloquei uma calça de ginástica, bota com meia embaixo de um vestido hippie longo. Ficamos lindíssimos.

Seu João, emburrado, deu o braço a torcer, disse que precisávamos de diversão e nos desejou boa festa.

Saímos do Ipema no começo da noite e fomos para a casa da Cris. Ao longo do caminho, pensamos em uma maneira de encontrar Marcelo. Dani achou melhor esperar ele ligar e buscá-lo onde estivesse.

Chegamos à casa da Cris meio acanhados, íamos todos dormir na casa dela e mal a conhecíamos. Dani comentou com a irmã que precisava buscar um estagiário desgarrado, e ela respondeu: "ele está no banheiro tomando banho, você está falando do Marcelo cozinheiro"? Dani fez uma cara de espanto e divertimento que serviu para todos nós.

Apareceu comentando que se chateou por não ter conseguido tomar banho de cachoeira. O chuveiro havia sido uma derrota para sua meta de purificação, mas apesar disso, não usou sabonete, esse critério ainda estava em pé. Jasmim, a filha de Cris, pulou no colo dele com completa intimidade, Frito deu as costas para a cena, revirando os olhos... Passado algum tempo, Cris mostrou o quarto em que dormiríamos. Deixamos nossas mochilas e fomos para o show.

A cidade onde acontecia o festival ficou famosa em 2010 pelos estragos da chuva. São Luiz do Paraitinga é encostada com o rio que leva, em partes, o mesmo nome – Paraitinga. Na ocasião, a igreja matriz de Tolosa, patrimônio tombado pela UNESCO, foi completamente destruída, e 9 mil pessoas – de uma cidade com 10 mil habitantes – perderam suas casas. Hoje, o povo conserva os sinais da tragédia. Onde ficava a antiga igreja, no dia da festa, fizeram uma instalação de luzes que representou o esqueleto da construção desaparecida. Apesar da história triste, a iluminação animou a matriz. Ficou bonito, e os passantes tiravam fotos.

Quase todas as casas eram em estilo colonial, até os bancos foram alojados em sobrados

antigos, o lugar tem fama pela cachaça e charme interiorano. Mal chegamos e Danilo chamou-me para provar a água ardente da região. Marcelo seguiu Dani e Frito, ficamos de encontrá-los mais tarde. Uma dose – o suficiente para espantar o frio e me proporcionar mais riso que o normal. Danilo acabou dormindo na calçada, e Marcelo ficou ao seu lado com medo que alguém fizesse mal ao nosso bêbado. Todos gostaram do show do Alceu Valença. Nossa chefe tomou um café no bar, antes de pegar o carro, e voltamos para a casa de Cris.

Cris fez o famoso suco de Juçara no café da manhã, a fruta de que tanto falavam e que nunca tínhamos provado. A polpa é muito semelhante ao açaí, porém, com o gosto acentuado. Comentou que o suco é excelente para a saúde e que fica delicioso batido com leite e banana ou apenas água. Existem milhares de receitas em que se usa os frutos da Juçara, desde massa para pão até geleia. No entanto, o mais comum é comer a polpa e tomar o suco arroxeadado. Jasmim, a filha mais velha de Cris, de apenas três anos, tem o paladar incomum, a menina segue a alimentação saudável dos pais e pegou gosto por comidas para as quais qualquer criança convencional torceria o nariz. O suco de Juçara é o seu preferido. Empenhou-se em tingir de roxo suas mãos e bochecha. Suas gracinhas roubaram a cena do desjejum.

Parte 4: Adequação

A horta de PET e os trabalhadores bebês

Combinamos de sair bem cedo da Cris e ajeitar as coisas antes que a criançada chegasse à escola Jardim Primavera. Atrasamos bastante e deixamos a casa às onze horas da manhã. Dani e Frito iam pegar uma praia, e nós fomos ajudar na reforma da escolinha.

A meta do mutirão, organizado pelos pais e professores, era construir um canteiro cercado de garrafa PET e arrumar o bananal, uma parte do jardim tinha mais de cinco pés de banana emaranhados. Dani separou frascos de álcool e refrigerante da triagem e emprestou as ferramentas de roça; além de artesanal, a futura horta das crianças ajudava a desafogar a tralha do Ipema.

Os professores decidiram montar o canteiro em forma de flor de primavera, por conta do nome da escola, e colorir a divisória com os vasilhames cheios de água colorida. Eles seguiam a corrente de ensino Waldorf. Essa pedagogia prefere priorizar o desenvolvimento físico e criativo das crianças nos primeiros anos de vida, para depois encaminhá-las para as atividades escolares. O ensino dessa corrente coloca obrigações aos alunos, prioriza a liberdade criativa e a opinião das crianças. Por essa razão, os bebês precisavam ajudar na construção do quintal da escola, para afirmarem o laço de afetividade com o espaço e cuidarem do lugar como se estivessem em casa. O

mutirão é uma forma criativa de ensinar lições de cidadania para os pais e filhos frequentadores do local.

No entanto, os alunos ainda são muito novos – salvo dois ou três com um pouco mais de 6 anos, então, o que era para ser uma reforma eficiente e dinâmica acabou tornando-se uma grande bagunça para a criançada.

Marcelo e Danilo, junto com os papais mais robustos, foram carpir o excesso de mato do canto do quintal e abrir um buraco para depositar os restos da poda do bananal. Eu e os pequenos nos encarregamos de lavar as garrafas doadas. Era um dia quente e a criançada aproveitou a atividade para fazer tumulto com a água.

Enquanto eu tentava organizar a pilha de frascos limpos, um bebê cismava em querer que elas voltassem a ficar sujas. As mãozinhas eram ainda muito delicadas para rosquear a tampa com a boca da PET, e por isso precisaram de dois adultos no percalço dos ajudantes mirins. A torneira ficou disputada; não tínhamos apenas garrafas sujas, chegavam minicarriolas, copos de todos os jeitos, mãozinhas e bebês inteiros embaixo do fio de água.

Já havia se passado uma hora e a simples missão de lavar os vasilhames ainda não tinha terminado. A horta estilizada permanecia, apenas, no desenho. Até que, finalmente, as crianças enjoaram de brincar com a torneira e correram para o parquinho. Eu e duas mães, sorratamente, terminamos o serviço e passamos para a próxima etapa/brincadeira.

Depois de lavadas, as garrafas foram enchidas com água, e pedimos para as crianças pingarem os corantes. Tínhamos duas tonalidades: azul e rosa. Com isso, era possível conseguir tons de azul e fracionar o rosa, e, misturando os dois, criávamos recipientes roxos.

As crianças colocavam as gotas de tinta de acordo com a idade de cada uma, e os adultos monitoravam a brincadeira. Porém, como tínhamos só dois frascos de corante e muitos alunos, deu confusão: os bebês ficaram impacientes e não gostaram do resultado das cores. Uma menina cismou que queria a cor verde e não tinha meio de fazê-la mudar de ideia; começou a chorar.

As medidas saíam erradas nas mãos pouco firmes, e um bebê de 3 anos produzia a cor que um homem de 27 faria. O outro queria o roxo igual ao do amigo e sabe-se lá quantas gotas dava a mesma tonalidade.

Em volta de nós, formou-se uma poça de água colorida que serviu de piscina para as crianças. Itapuã, um menino quieto e bonzinho, inspirou-se: abaixou as calças e começou a fazer xixi no meio das outras crianças; as mães, receosas de que a ureia queimasse a pele dos seus bebês, rapidamente resgataram os seus. Caímos no riso, tanto pela irreverência do pequeno, quanto pelo desespero das mulheres com algo tão inofensivo como urina.

Quando finalmente os baixinhos cansaram-se daquilo que fazíamos e se afastaram, conseguimos dar conta de encher e organizar todas as PETs.

A essa altura, meus dedos, rosto e roupa estavam completamente tingidos de roxo. Procurei os outros estagiários com os olhos e encontrei Danilo, logo adiante, descansando em uma sombra. Juntei-me a ele. Mal-humorado, reclamou que trabalhava sozinho, enquanto um sujeito que tinha duas vezes o seu tamanho admirava o esforço alheio e dava ordens para os demais.

Nos mutirões, esse tipo de atitude é comum e involuntária. Como há muita gente trabalhando em uma mesma coisa, alguns se dão ao luxo de apenas observar os esforços dos outros e, como é da vaidade humana, observações escorregam da boca num detalhe aqui e outro ali.

O estagiário Marcelo mostrava serviço além da conta. A discrepância da sua boa vontade com o nosso cansaço era ainda mais desanimador.

Danilo sugeriu: “Flávia, vamos embora”? Perguntei para onde, e ele disse que queria ir para qualquer lugar. Só precisava descansar a cabeça e se afastar do surto prestativo de Marcelo. O outro, por sua vez, não deixava barato e alfinetava-nos toda vez que passava por nós.

Marcelo não se resigna diante de uma situação ruim e se aproxima, ainda mais quando sente que sua presença é indesejável. Como se a pessoa que se incomodasse com seu jeito merecesse uma porção extra do prato de que não gosta. Depois da segunda provocação, concordei com Danilo e falamos com Cris sobre nossa desistência e saímos à francesa, antes que pulássemos no pescoço do cozinheiro.

Fomos para a praia mais próxima e menos cheia, paramos na Vermelhinha. O lugar era calmo e bonito, resolvemos caminhar nas pedras e conversar sobre assuntos descompromissados. Gastamos duas boas horas falando da vida e dando risada das trapalhadas do outro, até o sol se pôr. Depois, voltamos para a escolinha.

Não havia mais ninguém no lugar, o portão estava fechado. Então, ligamos para o celular da Dani. Com sorte, era possível arranjar uma carona de volta ao Ipema. Pelo telefone, Frito informou que todos que estavam na escola haviam ido para o restaurante de um dos pais, disse que nos buscava no caminho, e íamos para lá também. Pouco tempo depois, a camionete do Projeto Juçara encostava no meio-fio da rua ao lado.

O estabelecimento parecia caro pelo refinamento, mas como o dono é conhecido, foi cobrado apenas 60% do valor – aquilo que o restaurante realmente gasta, sem o acréscimo adicional de lucro. Por isso, o que era para ser “uma nota”, acabou saindo pelo preço de

restaurante popular. Fiquei admirada com a redução do valor, um prato de 60 reais saiu por 36.

Os exonerados entraram tímidos no restaurante, e Marcelo já nos anunciou aos berros: "olha quem chegou"! O restaurante ainda não tinha aberto suas portas, por isso, era muito fácil reparar nos que entravam. Ele estava bêbado e falava coisas completamente sem sentido. Dani morria de rir, e Frito ficava inconformado com seus gestos exagerados. Mas, mesmo assim, os dois achavam mais graça do que incômodo com o personagem extrovertido. O que estava insuportável era o clima entre os estagiários, a convivência com seus excessos nos deixou completamente impacientes com ele.

Comemos como reis no restaurante, passamos rapidamente na casa da Cris, resgatamos as malas e voltamos ao Ipema. Numa das primeiras vezes que acompanhei Dani fora do bairro, ela disse que se cansava muito fácil quando ia para a cidade. Tanto tempo dentro do Corcovado deixava seus sentidos desacostumados ao barulho e à agitação da cidade. Àquela altura, comecei a sentir o mesmo torpor que descreveu algumas semanas atrás.

Particularidades

Retomamos as nossas atividades normalmente na terça-feira. A tarefa programada para o dia: arrumar os canteiros ao lado do escritório, bem em frente à sala de aula e ao fundo. Quando chegamos, e Dani nos apontou o lugar, pareceu difícil de acreditar que estávamos diante de uma área de cultivo, tamanha a desordem das plantas.

O margaridão tomou conta dos espaços em torno da horta, tornando difícil de identificar o que tinha sido plantado, e o que veio naturalmente. Essa bagunça de culturas prejudica o desenvolvimento geral das sementes, e tampa o sol de algumas espécies rasteiras, por exemplo: o tomate. Bananeiras antigas e estéreis permaneciam no chão, precisávamos derrubar os pés e replantar algumas mudas nascidas tortas. Dani comentou que o manejo do Ipema demanda muito trabalho e que são em poucos para dar conta do recado: "mesmo se eu só fizesse isso todos os dias, a natureza ainda seria mais rápida com as ervas daninhas. Não é fácil, galera".

Os cursos de *Vivência Intensiva*, os quais faziam o número de mãos no serviço aumentar consideravelmente, são oportunidades ótimas para desfazer pendências que exijam bastante gente. Apesar de um Frito valer por três estagiários, alguma coisa – nem que fosse colher raiz de capim em volta das leiras – podíamos fazer, e aquilo era melhor do que nada. Por isso, ela sugeriu a reforma dos canteiros. Oscar e Danilo se interessavam muito por técnicas de plantio, e preferíamos a terra do que a reforma da Casinha.

De manhã, limpamos o mato nos sulcos ao lado dos pontos de plantio. O uso de ferramentas, naquela parte da atividade, não era aconselhado; o cercado da horta de rabanete e inhame havia sido construído com garrafas de vidro fincadas invertidas no solo, e um leve golpe de enxada seria o suficiente para quebrar a divisória e comprometer a mão de alguém. Apesar do lado não prático desse tipo de demarcação, dentro de algumas garrafas, germinaram pequenos brotos, por conta do resto de terra e sementes na terra. O resultado é bonito e exclusivo. Perguntei para Dani como eles tinham conseguido fazer aquilo. "Ninguém fez isso". Pagamos o preço da beleza com boas pinicadas de cacos ao separar o joio do trigo.

O sol, quando resolvia aparecer, chegava petulante e ardia o topo de nossas cabeças. Porém, estávamos dispostos a terminar os canteiros antes do almoço, e a verdade é que, entre a rotina social e a do trabalho, a disposição do espírito pendia para a atividade cansativa e individual. Cada um escolheu um pedaço de terra. Quietos e atentos ao trabalho, o silêncio era uma maneira de angariar um pouquinho de privacidade naquele lugar comunitário. Não falávamos sobre algo desvinculado da tarefa, com exceção dos gritos infantis e desconexos que Marcelo proferia. O silêncio e a falta de resposta, mesmo que ríspida, para as graças do homem, levavam-no à loucura. Por isso, ficou mais estridente e grosseiro conosco.

Nunca pensei que a solidão também fosse necessária para a felicidade, acontece que é, – pelo menos para aquele grupo, parecia ser.

O jardim mudou da água para o vinho. A maneira que encontramos para limpar o mato deixou a matéria orgânica na região de forma que protegesse e organizasse as plantas. Não permitimos ervas daninhas nem plantas ocupando espaços errados. Dani verificou métodos de plantio de horta e fez cada leira de um jeito.

No canteiro maior, de inhame e rabanete, limpamos e cobrimos o solo com pó de serra; no do lado, colocamos margaridão picado; e, no de fundo, não foi feito nada. Deixamos a terra em contato direto com o sol. Ela explicou que o agricultor, principalmente quem pratica a permacultura, deve sempre testar a aplicabilidade das coisas e observar os melhores resultados. "Isso tudo com bom senso e pesquisa", ressaltou. Víamos sempre Dani e Frito conversando sobre técnica de plantio. Eles iam um do lado do outro e começavam a ruminar teorias de que nenhum de nós, com exceção de Seu João, entendia. Nós nos encontrávamos ainda no estágio de distinguir crotalária de manjerioba, ou, pior, o almeirão da rúcula.

No almoço, Dona Eliane resolveu também experimentar algumas técnicas de culinária. O ingrediente do dia: urtiga.

A cozinheira fez questão de colocar a famigerada em todos os pratos, para que ninguém pudesse recusar sua iguaria. Havia no feijão, na torta e no refogado. O feijão e a torta foram projetados para os desavisados, aparentemente não se via a folha; já o refogado intimidou, coçava só de olhar. Acabamos comendo, Dona Eliane leu na internet que a urtiga é uma ótima fonte de ácido fólico. Ela disse que o importante é limpar bem os espinhos, feito escama de peixe.

Ignorando o perigo de alergia na boca e na garganta, a verdura lembra o espinafre e surpreendeu com seu gosto suave. Seu João soltou o ar do peito, balançou a cabeça e não tocou no refogado.

À tarde, voltamos para os canteiros do escritório. Faltava semear as leiras prontas e retirar mais dois pés de banana antigos. Oscar adorou a função de proferir o primeiro golpe certo no caule da bananeira, era preciso que fosse transversal e forte, fazendo com que a parte superior da planta deslizasse sobre o corte oblíquo. Dani gentilmente corrigia o gringo, enquanto ele repicava o tronco fibroso da bananeira.

Além da inutilidade dessa planta depois do primeiro e último cacho, ela costuma ser uma árvore que absorve muita água do solo e impede o pleno desenvolvimento de suas mudas. A característica do tronco fibroso e úmido faz dele um ótimo forro para leiras e demarcadores de canteiro. Ele demora mais para se decompor, em comparação com os galhos de outras árvores.

O segundo passo consistia em retirar a muda e replantá-la num lugar adequado. Algumas delas já estavam além do tempo de manejo e por isso foi preciso muita força e persistência para puxar a plantinha, desde a raiz para fora da terra. Porém, como no Ipema as tarefas nunca são tão simples, quando o primeiro golpe de enxada foi proferido contra a terra, do chão começou a brotar água. Atingimos um cano. Por ora, nada de muda e horta, precisávamos primeiro consertar o estrago – e a bananeira que esperasse.

Marcelo se ofereceu para ajudar o Seu João. Para a nossa sorte, o encanamento não era essencial para o abastecimento da sede, apenas conectava a água do telhado da sala de aula até uma cisterna esquecida. Enquanto isso, Oscar e eu dávamos os últimos retoques nos canteiros.

Dani saiu para buscar mais sementes e voltou com mais de 20 tipos de saquinhos. "Eu e o Frito fomos numa loja que estava em liquidação, não aguentamos e compramos quase tudo", disse, com a mesma voz animada e ansiosa de uma madame comprando roupas na oferta, talvez o sentimento seja o mesmo, o produto não.

Semearmos um dos canteiros com: tomate cereja, rúcula e abobrinha. Na parte externa, a oeste, colocamos o milho. A posição das plantas é fundamental para determinar a intensidade da luz nas culturas. O milho cresce rápido e bastante, portanto, nunca deve ficar a leste das outras

espécies, senão acaba por tampar o sol da manhã. Esses e outros pequenos macetes são os detalhes femininos da horta da Dani.

À medida que colocávamos as sementes, os pássaros se aproximavam. Eles sabiam que a mesa estava posta para o banquete. Afoita, tentei espantar aquela nuvem de passarinhos coloridos estragando o trabalho de um dia inteiro. A nossa professora do mato disse que não podíamos fazer nada. Ajeitamos as plantas de acordo com as nossas necessidades, e o resto ficava aos cuidados da natureza. Os empenados são parte da natureza, portanto, precisei me conformar.

Naquela noite, deitei mais cedo. Enquanto lia alguma coisa, Danilo entrou afoito no quarto e perguntou quando eu pretendia ir embora, eu disse que não sabia, provavelmente na sexta, os horários são ruins no fim de semana. "Eu vou com você"! Tentei perguntar alguma coisa, mas desisti, já sabia o que estava acontecendo. Ele também perdeu a paciência com Marcelo, a *Vivência Intensiva* ficou muito literal.

Quarta-feira dia 21

A língua mordida

O dia amanheceu, mais uma vez, nublado. A umidade dos trajes não barrava a friagem do mato. Fazia frio e o pouco de Sol do dia anterior não havia sido suficiente para secar as roupas. Deixei o saco de dormir e busquei por água gelada. As picadas do pescoço inflamaram. A quantidade de pontos vermelhos chegava na casa dos 50, apenas na região do colo.

Seu João, como de costume, acendia a brasa para o café, Dona Eliane tinha acabado de chegar e organizava os ingredientes do almoço em cima da pia, quando se deu conta de que o fogão exalava fumaça de um ponto incomum. Ela não se apavorou e disse com a calma de quem não depende daquilo para almoçar: "o fogão furou gente, o braseiro caiu em cima das lenhas. Acho melhor um de vocês vir ver isso rápido, antes que a fumaça aumente".

Eu e Danilo fomos acudir o caseiro que, nesse instante, retirava as lenhas estocadas ao pé do forno. Ele teve medo de pegar fogo nos únicos tocos secos e comprometer de vez o combustível do fogão, ou, quem sabe, a água quente do café do homem.

Retiramos toda a madeira e jogamos fora os pedaços grandes de carvão que caíram do braseiro. Achamos o furo.

Dona Eliane avisou que aproveitaria o calor do resto de lenha para o caldo da noite, e que naquele dia comeríamos o que tivesse. Não tinha como fazer o almoço antes de consertar aquele buraco. Marcelo se prontificou para a reforma.

Dani, que a essa altura conhecia a peça, perguntou a ele se sabia alguma coisa sobre reforma do fogão a lenha. Ele disse que já trabalhou com isso e que tinha muito jeito para trabalhos manuais, etc. Não acreditou em tudo o que o outro falou, mas, já que encontrou um voluntário para o trabalho, deu a carta branca para o cozinheiro.

O resto de nós partiu para a arrumação de mais canteiros abandonados. Esses ficavam perto da porta de entrada do Ipema, a poucos passos de onde acamparam nos dias de curso.

Fizemos o mesmo do dia anterior, limpamos o terreno, organizamos a matéria orgânica e semeamos. A novidade ficou por conta das cebolas de cará, espécie de tubérculo comestível, também conhecido como “Inhame da China”. A muda é uma batata cheia de ramificações, que gosta muito de composto orgânico e ventilação. Portanto, construímos ninhos de pássaros de 60 centímetros de diâmetro, no interior afundamos a bolota/muda, sempre no pé de outra árvore. A planta não é parasita, então colocamos as mudas embaixo das palmeiras de Juçara e outras árvores frutíferas.

Sobre o fogão, ninguém teve esperança em relação às habilidades manuais do cozinheiro e, de tanto reclamarmos, Dani achou melhor averiguar o serviço de Marcelo na cozinha. Disse que ele se dedicava à obra, e pareceu correr tudo bem na reforma. Ficamos surpresos com a notícia e não pensamos mais nisso.

De volta à cozinha, percebi que tínhamos dobrado a língua. O forno feito por Marcelo deu certo, ele caprichou nos detalhes e até onde eu pude constatar, ficou melhor que o antigo. Ele não se ateve apenas a tampar o buraco, limpou também as cinzas acumuladas que obstruíam a passagem de calor para o forno e adicionou um suporte de metal e pedra na região interna mais aquecida, para evitar futuros acidentes.

O material da reforma veio da casa de triagem e do barranco de argila de trás da Casinha. Ninguém o ajudou, mesmo porque ninguém sabia como arrumar um fogão a lenha. Marcelo Bueno não estava por lá, então a reforma deu-se por instinto, criatividade e capricho do estagiário. – coisa que desconfiávamos que existia apenas no papo do dito. Dona Eliane deixou a sopa pronta, portanto, a estreia do fogão aconteceu com a água do chá e banho quente.

Quando partimos para cima do fogão, Marcelo ainda terminava de limpar cada detalhe de sua reforma e protegeu sua obra-prima com ciúme: “mas já vai colocar fogo? Eu nem terminei de limpar para vocês verem como ficou. Povo afobado, meu Deus”! Revirei os olhos, zombeteira, e coloquei a lenha. Não dava para esperar o próximo dia para, finalmente, sujar o fogão, não me incomodava a sopa fria, e sim o banho.

Dani perguntou quem gostaria de ir com ela ao campeonato de surf na Praia de

Itamambuca. Esperávamos por esse evento, no entanto, o mau tempo afastou os ânimos dos voluntários. Eu me prontifiquei porque, com aquele tempo de chuva, a única atividade possível no Ipema seria a reforma da Casinha, na qual eu não conseguiria ajudar.

A nossa instrutora perguntou diretamente para Marcelo. Queria que ele fosse porque sabia que o clima estava ruim entre os estagiários. Pensou que, se o tirasse dali, quem sabe os ânimos melhorassem. Para a nossa surpresa, ele disse que não, que preferia ficar no Ipema, mais uma vez, Marcelo percebeu o motivo e insistiu na amolação.

Decidiu que íamos nós duas. As coordenadas foram as de sempre: pegar tudo o que precisaríamos para o dia, acordar mais cedo e levar uma pequena lista de tarefas.

Sáímos embaixo de chuva fina e sobre camadas grossas de barro. Levamos apenas quatro mudas de Juçara para doações e a composteira de plástico. A programação contava com a visita das escolas de Itamambuca, e precisávamos explicar sobre o minhocário e os projetos da ecovila.

Passamos na casa de Fabiane, amiga e integrante da equipe do Projeto Juçara, e partimos rumo ao campeonato. Quando chegamos, a equipe organizadora começava a montar os estandes, e o clima era de desorganização e pressa. Todos se concentravam no pequeno espaço dentro das tendas para fugir da chuva, o que atrapalhava ainda mais o trabalho dos arrumadores do evento.

As barracas exibiam os projetos da região – haja espaço! Além do Projeto Juçara e do Ipema, estavam as equipes do Projeto Tamar – sobre tartarugas marinhas, do SOS Mata Atlântica, do Parque Ilha Anchieta e do Surfe pelas Florestas – idealizadores dos painéis ecológicos no campeonato. Todos tentando colocar o seu cartaz nas disputadas folhas de madeira que dividiam os ambientes.

Nós deixamos as mochilas dentro do carro e ficamos em frente ao nosso cartaz, esperando as crianças chegarem.

O mandachuva da exposição era um homem chamado Glenn Suba, australiano radicado há 10 anos no Brasil, atual coordenador do Projeto Petrobrás Surfe Pelas Florestas. Ele que decidia a disposição dos cartazes e o espaço permitido para cada grupo. O homem não parava e todos queriam consultá-lo ao mesmo tempo.

Dani manteve-se fora da bagunça. Estava ali para assistir ao campeonato de surf e divulgar o Projeto Juçara, mais para aquele outro do que para o Ipema, o que não foi má ideia, haja visto a confusão que se formou em torno de Glenn. Nossa instrutora não gostava de bajulações, e seu interesse em chamar a atenção de Suba foi nulo, senão negativo.

Fazia frio e o mar ficou quase sem ondas. Se os competidores não fossem profissionais, talvez o campeonato não acontecesse. Os participantes são estrelas do esporte e toda a mídia

importante do setor encontrava-se ali.

A mulherada dos projetos olhava mais para a areia da praia do que para o mar, e tricotava: “Essa é a fulana de tal, trabalha na Sport TV, será que isso aí pega onda? Duvido!” As crianças demoravam para chegar, e não tínhamos o que fazer, por isso a fofocagem.

Fabiane tinha um certo dom com crianças e conseguiu prender a atenção delas com maestria, Dani fez sua tentativa também, e eu um desastre.

Às cinco horas da tarde, já arrumávamos as coisas para voltar ao Ipema, passamos rapidamente no mercado e retornamos para a ecovila. O tempo ruim estragou o clima de praia que esperávamos do campeonato, e não víamos a hora de voltar.

Pequenos novos prazeres

Quando moramos em uma cidade, não vemos grande coisa em um mercado. Na maioria das vezes, ir até ele é uma obrigação chata e cansativa, mas aquela loja, para quem se encontrava, fazia algum tempo, no meio do nada, era incrível. Lá, eu poderia comprar pão – coisa que nunca comíamos, e que o hábito de anos causava saudade –, também vendiam repelentes de vários tipos, pilhas para a lanterna e, mais que isso, algum tipo de petisco que eu poderia comer fora de hora. O prazer não vinha do alimento industrializado em si, mas da necessidade de comer algo sozinho, no horário em que bem entendesse. Todos tinham alguma comida só deles, acho que apenas Danilo dividia suas coisas com os outros. Eu peguei uma bolacha de chocolate. Parece bobo e individualista, mas essa era a forma que eu encontrava para controlar ao menos essa parte do meu dia e desfrutá-la sozinha.

Hoje em dia, vejo com olhos diferentes a tarefa de ir ao supermercado. Dani aproveitou para comprar algumas pequenas coisas para o café da manhã.

De volta ao Ipema, resolvemos assistir a um filme. Os meninos contaram que avançaram bastante nas obras da Casinha e, se dependesse do tempo ruim do Corcovado, a casa ficaria pronta até o final do mês. Frito tinha algumas opções em seu HD externo, pegamos o meu computador e ligamos duas caixas de som antigas e o retroprojetor de Marcelo Bueno. Assim, nosso cinema ficou armado.

Existiam duas opções: um era um documentário sobre surf e o desempenho de profissionais em ondas gigantescas, o outro falava sobre a "Revolução dos Cocos", filme que conta sobre a luta do povo de Bougainville, população da maior ilha do arquipélago de Salomão, contra o

governo de Papua Nova Guiné. Nós (mulheres) votamos na segunda opção, estávamos de paciência cheia com surf. Os outros foram neutros e a preferência feminina ganhou.

Após uma série de catástrofes ambientais e mortes por causa da exploração mineradora da ilha, um grupo de ex-funcionários resolveu expulsar a companhia multinacional inglesa *Rio Tinto Zinc* e declarar independência. Durante o conflito, a ilha foi submetida a um bloqueio comercial, e os moradores precisaram reinventar armas e combustíveis com o que existia na selva. Muitos produtos foram feitos com óleo de coco, daí o nome do conflito.

Apesar de pouco conhecido, esse conflito é considerado a primeira revolução verde do mundo, justamente porque foram as sérias degradações ambientais daquela ilha que fomentaram o movimento separatista da colônia.

Enquanto passava o filme, Marcelo torrava sementes de cacau no fogão reformado. Depois dos consertos, o forno voltou a funcionar, e o cozinheiro estava ansioso para testar uma receita com as sementes dos cacaos que tínhamos comido. A meta era fazer uma espécie de pasta de chocolate orgânica. Insistiu que esperássemos o chocolate antes de rodar o documentário, porém como a iguaria demorou, começamos a sessão cinema mesmo assim.

Depois do filme, ao recolhermos os aparelhos usados, Dani disse: "gente, durmam bem, porque amanhã é dia de roça no Mundo Perdido". Oscar perguntou o porquê do nome e ela respondeu que saberíamos no dia seguinte. Seu João deu um meio sorriso e foi para sua casa, não tardou meia hora e todas as luzes da cozinha se apagaram.

Sexta-feira dia 23

Da missa, não soube um terço

Aquele foi meu último dia de trabalho na Ecovila. Fiquei chateada por não ficar mais tempo, confesso que sentia falta da velha rotina, no entanto, esse fato não foi suficientemente convincente para me tirar dali sem saudades. Minha *Vivência Intensiva* chegava ao fim, e já era hora de retornar ao caos das ruas paulistanas. Resolvi não pensar mais nisso e levar aquele dia como qualquer outro: trabalho, chuva, canseira, satisfação, risadas e irritação com Marcelo; um ritual igual aos anteriores.

Logo após o desjejum de banana com paçoca, fomos para outra área de plantio, o tal Mundo Perdido. A região não parecia com as anteriores. O manejo dos canteiros da ecovila, até então, ficava perto da cozinha e em clareiras, já esse local fazia jus ao nome. Dani avisou: "gente, vamos manejar uma área mais afastada hoje, por isso, é bom que carreguem tudo aquilo de que

vão precisar". Todos pegaram seus respectivos repelentes e chapéus, e rumamos até a casa de ferramentas.

De lá, pegamos os instrumentos de roça e algumas mudas do que íamos plantar. Dani buscou as sementes que tinha comprado, e Seu João foi atrás de Juçara no viveiro.

Recolhemos mudas de árvores frutíferas baixas e outras de porte grande, a fim de organizar a agrofloresta, aproveitando os ângulos dos raios solares e os espaços disponíveis na mata. A iluminação demanda estudo e atenção dentro de regiões fechadas pela vegetação.

O ponto foi escolhido a dedo pelo relevo e disposição do sol. Era escondido justamente para testar o plantio em ambiente florestal e deixar espécies mais valiosas longe dos furtos. Ali, também servia de zona de teste, por ser um meio completamente imerso na floresta e com quase nenhuma presença humana. A agrofloresta estava como devia ser: sem derrubar mato, por entre as árvores, e não em um pasto em recuperação, como era o caso na propriedade do Seu Alcides. As diferenças do solo e da umidade acrescentavam os estudos de plantio de Dani e Frito.

Andamos quase dez minutos na estrada que sobe por trás da sala de aula até encontrarmos uma pequena região com capim amassado. Frito trabalhou um dia antes naquela região; por esse motivo, via-se marcas frescas de gente. Seguimos dentro da floresta, atrás do rastro e, poucos passos adiante, apareceu uma trilha íngreme e escorregadia barranco adentro.

Via-se uma corda suja e velha presa em uma das primeiras árvores do percurso que auxiliava na descida. O caminho não era difícil, porém, o chão deslizava e cada um de nós levava no braço o facão e o que mais podia carregar. Dani pediu cuidado. Ela fez o alerta também para ficarmos atentos aos moradores da floresta. Estava ensolarado depois de um longo período de chuvas, e as cobras podiam estar fora das tocas. Ninguém ali havia sido picado, nem mesmo Seu João que é da região e não usa sapato. No entanto, todos já cruzaram com pelo menos uma espécie peçonhenta no caminho.

Quando chegamos, a área de plantio só era visível por causa do espaço entre as copas das árvores. O solo cobria-se de urtiga e plantas médias. Precisamos podar toda a região antes de plantar qualquer coisa.

Como não havia facão para todos, as mulheres foram poupadas e ficamos na parte mais baixa do terreno. Lá estava menos tomado pelo mato, e ganhamos tempo ajeitando algumas mudas e fazendo duas fileiras de semente de abóbora. Enquanto isso, os homens foram para o topo da clareira, cortando tudo que viam pela frente.

O chão do Mundo Perdido virou um tapete de urtiga, e todo o cuidado era pouco para não sair com algum espinho ou vermelhão. Apenas Oscar usava luvas.

Os homens ficaram exaustos e encerramos por ali. O relógio marcava 11 horas. Decidimos retornar para a cozinha e ver em que pé andava a comida de Dona Eliane. "Nossa! Mas já? Como esse povo cansa fácil", provocou Marcelo. O comentário não caiu bem nos ânimos de Danilo, que respondeu menos sutil e mais agressivo: "é claro que pra você não foi o bastante, Marcelo, mas para quem trabalhou de verdade deu para cansar". Dani percebeu o início da discussão e interferiu: "calma, gente, já vamos almoçar, o rango da Dona Eliane espera por nós, sem stress".

As palavras de Marcelo Bueno ecoaram na minha lembrança. Ele sempre repetia no curso que o mais difícil era a convivência entre as pessoas e que a sintonia de um grupo precisa ser afiada, precisávamos de "cola". Nós não tínhamos cola nenhuma, fomos escolhidos ao acaso e as afinidades eram quase nulas entre Danilo e o cozinheiro.

Depois do almoço, comecei os preparativos da viagem de volta a São Paulo. Fui até o famoso pé de jaca, único ponto que garantia sinal de celular, para ligar nas companhias rodoviárias. Porém, mesmo daquele ponto, meu celular permanecia incomunicável.

Dona Eliane observou meu retorno e perguntou sobre meu sucesso, disse para ela que não consegui sinal e como as ligações seriam para telefones fixos, permitiu que eu usasse o aparelho da sua casa. Agradei e não recusei o convite. Enquanto ela procurava o número da rodoviária em um caderno surrado, eu prestava atenção na chamada do Jornal Nacional, de pé, atrás do sofá. Não tive coragem de sentar com as minhas roupas na mobília limpa da mulher, nem ela ofereceu.

Os rápidos segundos de televisão me lembraram do Rock in Rio, informaram-me sobre a queda de um satélite no litoral brasileiro, e que a Palestina havia convocado a ONU para falar da sua situação. Fiquei perplexa com a quantidade de informação que consegui descobrir do mundo estando apenas cinco minutos na frente do televisor. Dona Eliane disse: "tá sentindo falta da televisão, menina? Achei o seu número, liga aí, fica à vontade". Peguei o telefone, entrei em contato com uma empresa e anotei os horários. Agradei Dona Eliane pelo favor e voltei ao Ipema, doída para contar as novidades que assisti na TV.

Eu não quis retornar para o trabalho depois do almoço. Aquela era a minha última tarde no Ipema, e eu pretendia ficar no quarto para arrumar as minhas coisas com calma e luz do dia. Mas, justamente naquela tarde, as formigas estavam fazendo a correção da floresta. Milhares delas desceram o Morro do Corcovado em busca de alimento, e a quantidade era tamanha que eu achei que não sobraria espaço no chão para nós.

Seu João diz que o nome corretoras se dá porque elas fazem a limpeza do mato, tiram

carniça e frutos podres e levam tudo para debaixo da terra, então quando vem a chuva, têm comida estocada.

Dani disse em tom de brincadeira que era melhor voltarmos para o Mundo Perdido, senão as formigas iam invadir a casa, e o satélite poderia cair por ali. Acabei voltando mais tarde, Danilo também.

De volta ao Mundo Perdido, encontrei todo mundo admirando uma árvore enorme e comentando entre si. Perguntei o que estava acontecendo e descobri que Dani e Frito esqueceram-se de retirar aquela árvore, e sua copa ameaçava o sol da manhã em toda a clareira carpida. E agora? – perguntei. Dani respondeu: “vamos derrubar com um sistema de cordas”. Justo no dia que eu achava que já tinha visto de tudo, percebi que da missa eu não sabia um terço.

Frito fez um nó complicadíssimo que eu não sei nem o nome e nem como descrever, e alçou em um galho alto, de maneira que servisse de suporte para a corda que o homem envolveu no tronco, ele fez o mesmo em uma árvore menor que existia ao lado daquela que pretendíamos derrubar. Dani explicou que a segunda árvore servia para desviar a queda da região em que estávamos, assim, puxávamos a corda contra nosso corpo, e a galhada caía ao lado e não em cima da gente.

Mas, mesmo depois de toda a amarração e cálculo de ângulo, não deu certo. A árvore nem se inclinou com a força que aplicamos e, no fim, apelamos para a boa e velha poda.

Frito usou seu material de escalada, que consistia num pedaço de corda amarrado aos pés e ao tronco e uma serra presa na cintura. Com treino, é possível abraçar o tronco de árvore com aquela corda, subir até a altura desejada e descansar, com relativa tranquilidade, a alguns metros do chão. Depois da subida, Frito desenroscou a serra e começou a poda dos galhos maiores.

Os outros ocupavam os facões, e porque não existiam nem ferramentas, nem disposição para o trabalho, resolvi retornar mais cedo para a cozinha.

Assim que voltei, fui direto para o banho. Descartada essa fase, poderia arrumar minha mala até o momento da partida, sem grandes alterações. As roupas de passeio e as de trabalho já tinham virado uma coisa só. Fiz a mala e deixei apenas o saco de dormir e o par de botas para fora.

Menos de uma hora depois, os outros voltaram. Planejamos uma pequena despedida para Danilo e eu. Dani disse que existia uma pizzaria na Praia Brava que fazia entregas no Corcovado e que podíamos pedir comida e bebida de lá.

Eu desfiz minha mala, arrumei-me, queria estar bem na despedida. Por algum motivo, encarei aquilo como uma ocasião especial. Danilo também ficou animado, disse que a bebida seria por sua conta.

Seu João não gostou muito do comentário: "Danilo, eu só tomo café". Mas só de saber que não íamos sair para comemorar, e que o festejo seria na sede, onde ele poderia participar, já era um bom negócio. Dani foi até o telefone, ligou uma, duas, três vezes e nada. Ela e Frito perguntaram para o Seu João da pizzaria, e ele falou que essa que fazia entrega tinha fechado já fazia tempo. O casal retirou-se.

Meia hora depois, quando terminei os últimos retoques da arrumação final, desci para a cozinha. Lá estava Danilo: "é, Flávia, vinte e poucos dias não são nada, não sabemos o que as pessoas são em tão pouco tempo". Esse, aliás, era um argumento muito usado no Ipema naquela semana final, quando caçoávamos com Marcelo. Ele rebatia dizendo que não o conhecíamos, que estávamos juntos por "apenas alguns dias", e estava certo. Porém, quando se mora com alguém, parece que pouco mais de três semanas é tempo suficiente para intimidade. Um erro comum.

Saí dos meus pensamentos e perguntei por que Danilo dizia uma coisa daquelas, e ele me respondeu que Dani e Frito foram dormir. Estranhei a situação e disse que suspeitava de algum tipo de surpresa. Seu João colocou-me no chão: "olha, menina, se você quer conversar com a Dani e pegar sua entrevista, eu acho melhor você ir agora, senão, eles vão dormir". Eu achei tudo muito esquisito, mas não podia arriscar ficar sem falar com ela, precisava de umas informações mais detalhadas sobre os projetos, peguei meu caderno e gravador e fui falar com eles.

Logo de longe, a cachorra começou a latir, Dani já abria a porta para conferir a barulhada, enquanto eu ainda ensaiava meu primeiro berro. Ela ficou surpresa com a minha figura parada ao pé da escada e perguntou o que eu fazia ali, disse que precisava de algumas respostas sobre o Ipema e justifiquei que, pela manhã, não tínhamos tempo. Ela concordou em responder e me convidou para entrar. Chegando lá, não havia artimanha nenhuma, eles realmente foram dormir.

Pedi licença e entrei no quarto. O lugar é bem aproveitado e agradável, a residência toda se resume a um só cômodo. Frito estava sentado no chão, com o computador no colo, e Dani deitou-se na rede. Eles tomavam vinho e passavam o tempo. Eu expliquei que precisava de informações mais precisas e de alguns detalhes sobre a formação do Ipema que faltavam na minha pesquisa, liguei o gravador. Pergunta, resposta, pergunta, resposta, pergunta, resposta. Desliguei o gravador e conversamos de verdade.

Dani perguntou: "você está indo mesmo embora por causa daquela oferta de trabalho"? Disse que sim. Ela comentou que tinha o poder de mandar alguém embora se houvesse problemas com a convivência. Respondi que não era necessário. No caminho escuro, de uma casa até a outra, fiquei pensando sobre a pergunta de Dani e acho que encontrei uma resposta.

Não fomos os primeiros, nem seremos os últimos que passaram pelo Ipema. Estávamos

sujos e cansados como aquele casal, usávamos roupas confortáveis e úmidas, comíamos ao lado do forno à lenha, mas não éramos dali, éramos apenas visitantes passageiros. O afastamento emocional com os que estão de passagem é o que faz daquela *Vivência* algo produtivo e possível. Naquele breu entre a casa de Dani e a cozinha, pensei que a saída seria como a chegada – sem mais nem menos, apenas o indispensável. No meu primeiro dia, ela disse que a comida estava em cima da mesa e que o trabalho começava às duas, que eu poderia comer e juntar-me aos outros. Na última noite, falou o horário que ia para a cidade e que nos deixaria – eu e Danilo – na rodoviária. Falou para arrumarmos tudo, e não nos esquecermos de passar as fotos, as imagens são importantes para o Projeto Ipema.

Na cozinha, Danilo, ainda sentado em frente ao forno, disse: "então, eles vêm"? Não, foram dormir. Seus olhos olharam baixo.

Expliquei aquilo que pensei alguns minutos antes e disse que talvez aquele lugar fosse mais fácil vazio de gente do que de gente querida. Busquei um copo de água e subi para o quarto, com a mesma indiferença fingida com que fui recebida na casa de Dani e Frito. Danilo permaneceu calado, não se moveu da cadeira.

Custei a pegar no sono, porém, não vi quando ele subiu para o quarto. Dormi em paz e, pela sua animação de manhã, acho que ele também.

Saudade úmida

O último abrir de olhos no Ipema foi demorado, senti uma melancolia de final em tudo que era tarefa diária. Deixei o saco de dormir a contragosto e fui em direção à pia. Meu pescoço piorava, coçava demais. Lembrei que, quando saísse dali, aquele problema passaria. De súbito, veio uma fisgada na garganta.

Tomei um copo d'água, prestei muita atenção no gosto e na folhagem verde e úmida que acompanhava o desfecho de uma rotina. Queria ter a certeza de que guardaria para sempre aquele momento doloroso e fresco. "Ô, menina, levanta e ainda fica dormindo"? – zombou o Seu João.

"Que horas você vai embora? Você volta para visitar a gente? Precisa ir mesmo? Danilo vai também? Por quê"? Ele estava agoniado, e eu senti uma súbita saudade antecipada daquele sujeito.

Não fiz nada além de sorrir, apesar de ter a capacidade de proferir mais de mil palavras de desculpas e agradecimentos para aquele homem simples que não se incomodava em disfarçar sua ansiedade.

Foi assim que partimos, sem festa e nem chororô. Tomamos o café do Seu João passado na hora, fiz meu prato de banana com paçoca artesanal, descemos as malas do quarto para o canto da cozinha, comemos a papa grossa e doce no lugar do pão, encontramos com o casal no carro.

De lá, partimos de volta para a cidade.

De Fora

Dani não disse nada, mas pareceu não gostar do fato de partirmos antes do tempo. O Ipema é a sua casa e ir embora deu a impressão de não gostarmos daquela rotina. Não havia pior engano, porém, precisávamos voltar. Uma proposta de trabalho me esperava em São Paulo e Danilo desejava um tempo para si. O Ipema ensinou muito a ele, e sentia uma agonia de começar a pôr em prática tudo o que aprendeu.

Comentou sobre pequenos prazeres: assistir ao programa do Faustão na cama com seu cachorro Peiote, comer os peixes do almoço da sua casa e avisar ao seu pai que finalmente descobriu sua vocação para o trabalho. O meu era dormir sem pernilongos e poder andar por aí sem medo de cobra. Oscar gostaria de participar de outro curso e especializar-se em cogumelos – até aquele ponto, a sua mulher não sabia, mas ele gostaria de viver dessa cultura no sítio do genro, e Marcelo não tinha rumo. O cozinheiro veio para o Ipema para se esquecer da cidade, nunca soubemos seus verdadeiros motivos de estar conosco, mas seja lá o que fosse, era melhor ficar isolado com três pessoas que não simpatizavam com ele do que voltar.

Passado o tempo

Danilo resolveu viajar, conhecer o Brasil e visitar mais comunidades. Ele pretende voltar ao Ipema e tornar-se um morador fixo ou, quem sabe, uma visita frequente, daquelas que valem uma despedida. Oscar se casou com sua namorada brasileira e se mudou para o sítio do seu genro, estão na Holanda resolvendo algumas pendências do noivo, mas a plantação de cogumelos já tem data para começar. Nunca mais ouvi falar de Marcelo. Pouco depois que saiu da ecovila, mandou uma mensagem comentando sobre a saúde de seu pai e que estava bem, depois perdemos totalmente o contato. Porém, pra não dizer que o perdi de vista, reconheci-o num comercial de repelente no horário nobre da novela. Ao que parece, sua carreira de ator vai bem.

Dani, Frito e Seu João estão no Ipema, passam bem e aguardam a nossa visita.